

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FÁBIO CASTILHOS FIGUEREDO

**UM ESTUDO DOS ADVÉRBIOS -MENTE
SOB A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA**

Porto Alegre

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FÁBIO CASTILHOS FIGUEREDO

**UM ESTUDO DOS ADVÉRBIOS *-MENTE*
SOB A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr. Leci Borges Barbisan

Porto Alegre

2008

FÁBIO CASTILHOS FIGUEREDO

UM ESTUDO DOS ADVÉRBIOS-MENTE SOB A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO
NA LÍNGUA

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 16 de janeiro de 2009

BANCA EXAMINADORA:

Leci Borges Barbisan

Prof^a. Dr. Leci Borges Barbisan - PUCRS

Carmem Luci de Costa Silva

Prof^a. Dr. Carmem Luci Costa Silva - UFRGS

Cláudia Regina Brescancini

Prof^a. Dr. Cláudia Regina Brescancini- PUCRS

Você só... mente

(...)
E, invariavelmente,
Sem ter o menor motivo,
Em um tom de voz altivo,
Você quando fala – mente,
Mesmo involuntariamente.
Faço cara de inocente,
Pois sua maior mentira
É dizer à gente
Que você não mente...

Noel Rosa

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo exemplo de profissionalismo e de caráter que recebi ao longo de toda a vida.

À minha avó, pelo início de uma educação que sempre me norteou.

À professora Leci Borges Barbisan, pelos conhecimentos, pela competência, paciência e confiança em todos os momentos de produção da pesquisa.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, pela oportunidade de estudo e aprofundamento teórico.

À Capes e ao CNPq, pelo apoio no desenvolvimento e na conclusão deste trabalho.

Aos amigos, pela compreensão nos momentos de ausência.

E a Deus, pela infinita orientação.

RESUMO

Neste trabalho de dissertação de mestrado, com o objetivo de investigar uma instrução que abranja as possíveis ocorrências para o uso de advérbios com sufixo –mente, serão analisados diferentes textos, buscando entender seu sentido construído pelo locutor. Propõe-se estas análises sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua (TAL). Essa teoria, proposta por Oswald Ducrot, observa que a argumentação está na própria língua e isto lhe é função primordial. Baseada em preceitos estruturalistas, a Teoria da Argumentação na Língua vem sendo reformulada ao longo dos anos: foi desenvolvida inicialmente a Forma Standard (1ª fase); em um segundo momento sofreu uma reestruturação, tornando-se a Forma Recente, em 1988 (2ª fase); está atualmente em sua 3ª fase, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvida em parceria com Marion Carel. De acordo com a TBS, os encadeamentos argumentativos permitem entender os sentidos dos enunciados propostos, pois são um modo de abordar a argumentação através de dois segmentos determinados. Esses encadeamentos podem ser normativos (com conectores *donc*, *DC*, ou *portanto*) ou transgressivos (com conectores *pourtant*, *PT*, ou *no entanto*).

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua – Teoria dos Blocos Semânticos – argumentação – advérbios – instrução

ABSTRACT

In this dissertation work, with the aim of investigate an instruction that cover the possible occurrences to the use of adverbs with suffix *-mente* (in Portuguese), different texts are analyzed, trying to understand them meaning built by the announcer. It is proposed these analyzes from the perspective of the Theory of Argumentation within Language (TAL). This theory, proposed by Oswald Ducrot, says that the argumentation lies in language and that is vital function. Based on structuralism precepts, the Theory of Argumentation within Language has been reformulated over the years: was originally developed to Standard Form (1st phase); in a second time suffers a restructuring, becoming the Recent Form, in 1988 (2nd phase); is currently in its 3rd phase, the Theory of the Semantic Blocks (TSB), developed in partnership with Marion Carel. According to TSB, the argumentative threads allow understand the meanings of the sentences proposed, because they are a way of accosting the argument through two segments determined. These threads can be normative (with connectors *donc*, DC, or therefore) or transgressive (with connectors *pourtant*, PT, or however).

Key-words: Theory of Argumentation within Language – Theory of the Semantic Blocks – argumentation – adverbs – instruction

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	ESTUDOS DE LINGUAGEM: DE SAUSSURE A DUCROT	13
2.1	AS RAÍZES ESTRUTURALISTAS E ENUNCIATIVAS	13
2.1.1	A Língua é uma estrutura; a fala é o seu uso	16
2.1.2	Um olhar sobre a linguagem	19
2.2	A SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA POR OSWALD DUCROT	21
2.3	CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA	25
3	TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA	29
3.1	OS DOIS PRIMEIROS MOMENTOS	31
3.1.1	A Forma <i>Standard</i>	31
3.1.2	Polifonia e Topos: A Forma Recente	33
3.2	TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS	36
4	METODOLOGIA E ANÁLISE	41
4.1	O OBJETO DE ANÁLISE	41
4.1.1	Os advérbios com sufixo <i>-mente</i>	41
4.1.2	O Objeto e a Teoria	44
4.2	METODOLOGIA	46
4.3	ANÁLISE DOS TEXTOS	47
4.3.1	Análise do discurso 1	48
4.3.2	Análise do discurso 2	56
4.3.3	Análise do discurso 3	62
4.3.4	Análise do discurso 4	70
4.3.5	Análise do discurso 5	75
4.3.6	Análise do discurso 6	84
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXO A — Trabalho Escravo	97
ANEXO B — Bêbados, seis elefantes morrem electrocutados	98
ANEXO C — Outra Irreverência de Tarantino	99
ANEXO D — Panfletagem no Trânsito	100
ANEXO E — Mickey Rourke mutilou-se de propósito nas filmagens de The Wrestler	101
ANEXO F — Deu a Tendência	102
CURRICULUM VITAE	103

1 INTRODUÇÃO

Quando passei no vestibular da UFRGS para cursar Letras, tinha a certeza de que me formaria professor de Literatura Brasileira. Ao longo do curso, me frustrei, pois não havia jeito de realmente escrever meus textos. Não só na tentativa de produzir a idealizada literatura, mas até mesmo nos trabalhos (nas resenhas, nas opiniões, nas provas); passei pela graduação sabendo que poderia (e deveria) ser um melhor escritor, autor em relação ao que produzia.

Essa sensação de inaptidão culminou em dois momentos distintos e marcantes: percebi que seria professor de Língua Portuguesa e não sabia dar aulas, nem ao menos fazer meus alunos pensarem sobre a disciplina; e, como aluno, não encontrei facilmente um modo de escrever o trabalho de conclusão de curso, pois não tinha idéia de como eu deveria me posicionar não só em relação à banca avaliadora, mas a quem posteriormente leria o trabalho.

Reavaliei as minhas práticas docentes e tentei sinceramente entender por que, afinal de contas, gostei de cursar Letras. O meu prazer é trabalhar em sala de aula e sempre que possível questionar, refletir e me posicionar acerca de algum assunto, esse gosto pelo questionamento cabe perfeitamente nas aulas de Língua Portuguesa. Nunca tive e não gosto de dar aulas apenas de sujeito-verbo-predicado para ensinar como a língua deveria ser. O trabalho com textos me fez perceber que é possível o aluno sair de um processo escolar que o modela a ler e a escrever para fins de cumprir uma tarefa.

Dentro das aulas de Língua Portuguesa, tenho procurado trabalhar os textos de forma constante. O problema é que o trabalho, diversas vezes, parece não evoluir durante o ano letivo. É necessário retomar tanto o estudo, a prática de produção e, essencialmente, a leitura de textos, desde o entendimento do tema à busca das relações nele presentes.

Compreender quaisquer textos em nossa sociedade moderna torna-se importante, pois à medida que nos damos conta do auxílio dessa habilidade e desse

exercício na organização de nossos pontos de vista e as devidas argumentações acerca deles, com uma escrita contínua, passamos a ter mais uma forma, além da fala, para demonstrarmos uma tomada de posicionamento crítico. Dessa maneira, poderemos dar sentido ao mundo e, por conseqüência, nos significar dentro dele. Dessa maneira, é de se pensar que as formas que usamos para escrever textos estão naturalmente impregnadas de subjetividade. Muito já se publicou e se discutiu sobre ser necessário trabalhar com a escrita na instituição escolar, em contrapartida, um trabalho sem orientação leva alunos e professores a verem leitura, escrita e texto como algo chato, trabalhoso e sem sentido.

Já o texto, usado somente como pretexto para cumprir um programa, esgota as possibilidades de reflexão e desestimula qualquer um de escrever, de usar a língua. Sempre procurei proporcionar um espaço para debate e discussão em sala de aula e percebi que à medida que os alunos se sentiam mais à vontade para falar, mais à vontade se sentiam também para escrever e expor suas idéias e opiniões.

Como professor de Língua Portuguesa, tenho meus questionamentos e minhas dúvidas sobre a forma ou o método mais adequado para se dar aula de língua, e não puramente de gramática. Para muitos, o ensino da língua materna e o desenvolvimento da produção de textos é um processo complicado e desgastante. Alunos e professores dizem que a Língua Portuguesa é repleta de detalhes, o que acaba, de alguma forma, limitando seu estudo e seu olhar crítico sobre o que está escrito.

No entanto, não é só o conhecimento da norma culta da Língua Portuguesa que denota a possibilidade de saber ler e escrever de maneira compreensível e coerente todo e qualquer texto. Muitos afirmam que, frente ao papel em branco, não conseguem escrever nada original. Ainda existem aqueles que afirmam justamente o contrário: ao se depararem com um determinado tema de produção textual, possuem tantas idéias sobre a proposta que não conseguem estruturar seu texto, ou apreender o sentido de um outro texto.

Durante a finalização do meu curso de graduação, na escrita do trabalho de conclusão, tive bastante dificuldade de entender o que é escrever na escola e por que os alunos – não somente os meus, mas de modo geral – sentiam que escreviam e liam mal. Não havia me dado conta de que a questão era ainda anterior, era como era vista a aula de Língua Portuguesa como um todo; como era vista a língua pelas outras disciplinas.

Na tentativa de responder a esse questionamento, de como devemos trabalhar a Língua Portuguesa em sala de aula, fiz o curso de especialização da UFRGS. Nele, tentei me focar na produção textual dos alunos e me vi diante de Émile Benveniste. Em sua forma de olhar a linguagem, inaugura a noção de subjetividade marcada na língua. Dessa maneira, fiquei cada vez mais instigado a encontrar recursos que me auxiliassem a mostrar em aula que, para se aprender Língua Portuguesa, não bastava gramática, mas é necessário haver alguém colocando a língua em funcionamento.

Devido a essa busca, me dediquei a esta dissertação de mestrado. A área em que ela se insere é a Semântica, especificamente a Argumentativa. A referência para o desenvolvimento do trabalho é a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), em sua fase atual, a Teoria dos Blocos Semânticos, desenvolvida por Oswald Ducrot, em colaboração com Marion Carel. A proposta da Semântica Argumentativa, elaborada em 1983 por Oswald Ducrot em cooperação com Jean-Claude Anscombre, parte do pressuposto de que a língua, por si só, é argumentativa, possibilitando a construção de encadeamentos discursivos.

De acordo com a Teoria da Argumentação na Língua, que tem suas raízes na proposta estruturalista para o estudo da linguagem, na qual baseia seus conceitos, se a linguagem descreve a realidade, o faz por meio da subjetividade e da intersubjetividade, tomando a realidade como “o tema de um debate entre indivíduos” (DUCROT, 1988, p.50), o que a insere dentro de uma visão enunciativa da linguagem.

Ter um olhar estruturalista sobre a linguagem implica ter claras algumas noções saussureanas que interessam diretamente a este trabalho. Na

medida em que permitem compreender os alicerces sobre os quais Ducrot formou sua teoria, os conceitos de signo, de relação e de língua e fala evidenciam-se importantes, pois são os que baseiam o olhar de Ducrot sobre como a língua pode ser originalmente argumentativa.

A teoria de Ducrot pretende fazer a descrição semântica da frase, inscrita na *língua*. No entanto, essa descrição se tornaria inviável sem a *fala*, seu uso. Portanto, a *língua* deve conter a estrutura do que é *fala* para Saussure, pois são essas mesmas instruções, abertas e generalizantes, que abrem caminho para que encontremos o sentido de um enunciado dito pelo falante. Incluir o falante na língua é pôr sentido na língua; é o uso da língua que produz sentido. Enfim, é no texto que há referência de sentido ao que o falante colocou em uso.

Através dessa teoria, percebi a oportunidade de pensar criticamente o estudo de língua materna, pois saber ler e compreender o que se lê é de extrema importância. Entende-se compreensão por apreensão do sentido apresentado no texto, a partir dos argumentos e das relações aparentes no próprio sentido. Assim, como se tornou necessário eleger somente um tópico, pareceu-me que os advérbios terminados com sufixo –mente seriam uma boa forma de investigar, a partir do sistema da língua, as instruções que orientam a um sentido pretendido pelo locutor.

Duas questões norteiam o trabalho. A primeira questiona como os advérbios terminados em –mente adquirem sentido nos enunciados em que estão inseridos. Na mesma direção teórica, a segunda é relativa a como se busca uma instrução para que se chegue aos sentidos pretendidos pelos falantes ao usar os advérbios terminados em –mente. Compreender textos e crer que o trabalho com a argumentação em textos pode auxiliar no ensino de Língua Portuguesa nos leva a tomar análises feitas com a Teoria da Argumentação na Língua, que afirma em sua essência que a língua, por si só, é argumentativa.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro constitui-se em investigação a respeito do estruturalismo saussureano em relação aos estudos da linguagem, buscando esclarecer como são vistos a Semântica Argumentativa, usada nesta dissertação, e seus conceitos que a fundamentam. O segundo capítulo se

refere à Teoria da Argumentação propriamente dita, fixando-se na sua forma mais atual, a Teoria dos Blocos Semânticos.

Já o terceiro, que refere-se ao Objeto de Estudo, à Metodologia e à Análise, destina-se à exposição das análises dos advérbios em textos e, conseqüentemente, análise de suas argumentações. O objeto de análise escolhido para esta pesquisa são os advérbios de modo, mais especificadamente os terminados em –mente. Por último, as considerações finais, em que discutiremos as questões que foram propostas.

2 ESTUDOS DE LINGUAGEM: DE SAUSSURE A DUCROT

Estamos, e sempre estivemos, mergulhados no mundo da linguagem, da fala e da escrita pertencentes ao meio em que vivemos. A forma de entendermos o mundo começa, então, a ter as palavras, a linguagem, como constituidora do que nos rodeia. Na consciência, depositamos tudo o que é ouvido, guardamos idéias e entendemos significados.

Entender a linguagem humana como algo que possua significado próprio, e que seu sentido só é adquirido a partir de uma situação de uso, exige o entendimento de seus alicerces. A Semântica Argumentativa se baseia em um olhar estruturalista sobre a linguagem. A partir daí, é necessário entender como a visão de linguagem saussureana se liga à visão de Ducrot sobre a linguagem, que afirma que a língua é, por si só, argumentativa.

2.1 AS RAÍZES ESTRUTURALISTAS E ENUNCIATIVAS

É notório afirmar que a linguagem é uma das habilidades que nos diferencia dos animais. Tanto o polegar opositor como o uso que fazemos de nosso cérebro tm significado e função no desenvolvimento do homem. No entanto, é a capacidade de interagir com outros seres humanos e de fazer reais as nossas intenções e vontades que nos possibilitou pôr sentido no mundo a nossa volta.

Para podermos olhar a linguagem humana, é necessário que fique claro como iremos observá-la. Outras ciências também reivindicam a linguagem como objeto de estudo¹, mas é Saussure quem propõe que a Lingüística precisa aprofundar-se em seu estudo de modo científico. Assim, é possível, observarmos tanto o som produzido, como a relação das palavras, ou ainda como expressão de

¹ Idéia presente na obra Curso de Lingüística Geral, página 14, atribuída a Ferdinando de Saussure, mas foram seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye quem organizaram a publicação.

uma idéia. Contudo, admite a impossibilidade de observar a linguagem como um todo, apenas seu sistema

A lingüística ocupa-se da linguagem humana e das línguas naturais faladas por qualquer comunidade humana com o objetivo de determinar a natureza da linguagem e a estrutura e o funcionamento das línguas. As línguas, vistas desta maneira, devem ser consideradas igualmente complexas quanto à sua estrutura e ao seu sistema de comunicação. É o que propõe Saussure em seu *Curso de Lingüística Geral*.

Depois de diversos estudos acerca dos fatos da linguagem², é Ferdinand de Saussure que, em sua proposta, torna possível a observação destes mesmos fatos como Lingüística; e esta observação como ciência. No *Curso de Lingüística Geral*, Saussure, em um primeiro momento, faz uma análise das fases dos estudos lingüísticos que o precederam. Desde a fase filosófica, por estar calcada na Filosofia grega (que para ele “está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas”, p. 07) até a gramática comparada (que não chegou a tomar a linguagem como objeto de estudo, mas as comparações existentes nas diversas línguas conhecidas para se chegar a uma língua indo-européia) .

Foram as idéias saussureanas que modificaram a forma de se investigar os fatos da língua. Do *Curso*, é necessário, devido à importância histórica e a este estudo, destacar que 1) a dicotomia Sincronia e Diacronia, explicitada por Saussure, distingue a abordagem descritiva da histórica nas investigações acerca da linguagem; 2) a separação entre a competência lingüística do falante dos fenômenos lingüísticos reais estrutura a língua (langue) como objeto de estudo da Lingüística; 3) essa língua deve ser concebida como um sistema inter-relacionado de elementos

² Saussure cita a “Gramática” estudada pelos gregos e mais tarde continuada pelos franceses. Também cita o aparecimento da Filologia, ainda em Alexandria, mas com firmação em 1777 por Friedrich August Wolf. O terceiro período citado é o da “Gramática Comparada”, inaugurada por Franz Bopp, em 1816, em que estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim, etc. Outros lingüistas são citados até o momento em que propõe uma forma diferente de observar a linguagem.

lexicais, gramaticais e fonológicos, em que cada item é determinado em oposição aos demais.

Ao opor as idéias de *língua* e *fala*, ele afirma que a língua só existe socialmente. Como realidade de caráter social, ela pertence a cada um e é comum a todos. Ocorre que a língua, como sistema posto à disposição da comunidade, é exterior aos falantes, não podendo, por isso, ser modificada. O falante, na realidade, para exprimir seu pensamento pessoal, escolhe, nesse sistema, meios de expressão com os quais se comunica. A esse ato individual de escolha, Saussure dá o nome de *fala*. Disso decorre que, se a *língua* só existe na comunidade, em uma soma de matrizes depositadas no cérebro de cada falante, isso significa dizer que, usada individualmente, a expressão nascida implica um ato individual de produção com uso desse sistema comum. A razão disso é simples: todo ato concreto de *comunicação lingüística* tem como conseqüência um ato concreto de *fala*. Acrescente-se ainda, que, apesar do seu caráter social, a língua não é uniforme: a fala encarrega-se de particularizar a unidade lingüística.

Ao instituir a Lingüística como ciência no início do século XX, Saussure determinou a língua como objeto de análise, pois nela podem ser examinadas as relações internas do sistema. O lingüista não preferiu a fala como objeto por mostrar que era necessário tratar primeiramente do sistema, para em um outro momento tratar do uso que os falantes fazem.

Daí o surgimento da Lingüística pela estruturação de Saussure. No início do cap. II da Introdução de seu *Curso de Lingüística Geral* (p.13), ele afirma que o objeto de estudo da Lingüística é constituído “por todas as manifestações de linguagem humana.” Essa afirmação, apesar de ser descritivamente simples, especifica o ponto de vista extremamente aguçado e científico do que queria para a época. Ao definir a própria língua como objeto de pesquisa lingüística – em detrimento de observar as relações externas a ela –, Saussure confere status de ciência aos estudos da linguagem. Para tanto, o autor traz a tona suas observações acerca da língua e explica por que não trata da fala, seu uso.

Restringir a matéria da Lingüística às “manifestações humanas” é propor-se a olhar criticamente os processos comunicacionais devidamente organizados e convencionados, e não outros, e não quaisquer. É mais: Saussure estrutura seu modo de olhar a lingüística em torno de textos escritos, e não dos falados, pois através deles, torna-se possível estudar os diversos idiomas em diferentes faixas de tempo.

2.1.1 A Língua é uma estrutura; a fala é o seu uso

Para Saussure, linguagem é a faculdade que o indivíduo tem de falar uma determinada língua. Ele afirma que “a língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos lingüísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender” (p. 92). É imprescindível afirmar que, para Saussure, a linguagem é a faculdade natural de usar uma língua, “ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional” (p. 17).

Pensar a língua como uma estrutura é ter em mente que essa estrutura se organiza com elementos (os signos) de diferentes valores e com diferentes importâncias. A língua é “uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (p. 27). É possível entendermos essa língua como o conjunto de regras gramaticais e itens lexicais de conhecimento e percepção lingüística do falante. Na condição de acervo, a língua guarda consigo toda a experiência histórica acumulada por um povo durante a sua existência. Disso nos dá testemunho o latim, símbolo permanente da cultura e das instituições romanas. Também o português acumulou um rico e notável acervo lingüístico constituinte das regras e normas que preenchem os manuais gramaticais que a teorizam.

A fala, ao contrário da língua, para Saussure é algo puramente individual, são as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal. É a maneira individual e particular que cada ser faz do uso da língua predominante em uma sociedade. Por isso,

podemos explicar, por exemplo, os sotaques regionais, as gírias, e a forma considerada, às vezes, errada, que cada indivíduo tem de usar a língua. A lingüística, partindo desse conceito de língua e fala, não pode, então, considerar que alguns "falam corretamente" e outros "falam erradamente". O conceito de certo e errado deixa de existir por ser a língua, a mesma para todos os indivíduos de uma sociedade, e algo já impresso na mente (conceitos e imagens acústicas) de todos os seres de um determinado tempo e espaço. Do ponto de vista científico, tudo o que consideramos "erro" ou "falar errado" é, na verdade, apenas mais uma forma de expressar a língua que se usa.

Saussure concebeu estudar a linguagem por ela mesma, em que fatos lingüísticos são condicionados só e apenas por eles. Para o lingüista, a língua deveria ser estudada como estrutura, e não como substância. Ver a língua como estrutura é perceber as relações que nela aparecem, e não em ambientes externos a ela. A noção de relação é um conceito presente na lingüística saussureana, a saber, relações sintagmáticas, relações paradigmáticas e, principalmente, o valor estabelecido a partir dessas relações. As relações dos signos podem ser de forma associativa, ou paradigmática, e combinatória, ou sintagmática.

Em seu cap. III da *Introdução do Curso de Lingüística Geral*, quando trata do objeto de estudo da Lingüística, Saussure afirma a necessidade de se fazer um recorte para, então, estudar-se a linguagem. Esse recorte é em torno da língua, em detrimento da fala, para que Saussure estudasse a linguagem. A dicotomia língua/fala é de valiosa importância. Enquanto para Saussure a língua é sistema da linguagem e, por isso, objeto de estudo científico, a fala é vista como uso individual desse sistema. Há diversas regras que orientam e limitam as movimentações das formas de uso por parte dos indivíduos falantes. Devido a isso, para Saussure era necessário estudar as regras desse sistema. Estudar a fala é estudar os usos feitos pelos falantes de uma determinada língua.

Saussure vê a língua como um conjunto de signos formados por um significante (não a grafia, nem o som, mas sua impressão psíquica) e um significado (conceito conhecido no sistema da linguagem). Nenhum dos significados da língua é igual a qualquer outro, pois esse sempre será o que outros não são. Para Saussure

o “azul” só é azul porque no leque de cores é esse signo que arbitrariamente junta uma determinada imagem acústica em nossas mentes a um conceito conhecido.

A língua é um sistema abstrato e normativo de regras no qual o falante se baseia para comunicar-se com outros falantes de uma dada comunidade de fala; o seu uso é a colocação em prática das regras do sistema. Portanto, é o uso social das regras desse sistema que constrói o sentido na língua, afinal, se cada falante tiver regras diferentes para usá-la, provavelmente não será entendido dentro de sua comunidade.

De acordo com Saussure, a língua, como instituição social, não está completa em nenhum indivíduo, e só existe de modo completo em seu grupo social de uso, por isso, ela é, simultaneamente, realidade psíquica e instituição social. Para o autor, a língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (p. 17); é “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (p. 22).

A visão da língua como realidade sistemática e funcional é um conteúdo importante da concepção saussuriana. Para o autor, a língua é, antes de tudo, “um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas” (p. 18); é um código, um sistema no qual, “de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica” (p. 23). Saussure vê a língua como um objeto de natureza homogênea e que, portanto, se enquadra corretamente na sua definição: “a língua é um sistema de signos que exprimem idéias” (p. 24).

A combinação dessas idéias, por parte do falante da língua, constitui a fala. Esta, ao contrário da língua, por se constituir de atos individuais, torna-se múltipla, imprevisível. Os atos lingüísticos individuais são ilimitados, não tendo como formar um sistema. Os fatos lingüísticos sociais, ao contrário, formam um sistema, pela sua própria natureza homogênea. Contudo, vale ressaltar que tanto o funcionamento quanto a exploração da faculdade da linguagem estão intimamente

ligados às implicações mútuas existentes entre os elementos língua (sistema) e fala (uso desse sistema).

A fala é, portanto, entendida como um ato individual de vontade e inteligência do falante. Nela, convém distinguir o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar combinações possíveis do que de fato Saussure afirma sobre a fala: combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de se exprimir. Usar a língua é mister para que ela se estabeleça como um sistema pertencente a um grupo social.

Há diferentes formas de usar a mesma língua em uma sociedade, pois ela é um produto social da faculdade da linguagem e conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo grupo social, para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Trata-se de um acervo acumulado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema que existe em cada falante, ou mais exatamente, nos falantes de um grupo social, pois a língua não está completa em nenhum, mas no conjunto.

2.1.2 Um olhar sobre a linguagem

Estudar gramática não propicia a nenhum falante ter condições de usar sua língua, nem lhe dá condições plenas de usá-la em todas as situações de interação de qualquer variedade lingüística e de produção de sentido em seu uso. As relações existentes entre os elementos que formam a língua são internos a ela. O conhecimento da língua e de suas formas de uso são potencialidades adquiridas através do contato com o texto em si e de uma leitura mais responsiva, visto com acuidade, e não como um assunto de uma aula qualquer, não como a fonte de exercícios sobre substantivos e adjetivos. Este “trabalho com texto” não poderia limitar-se à identificação de uma listagem de conteúdos gramaticais. Essa concepção de língua encara a *Gramática* como elemento sustentador e básico para dirimir qualquer dúvida lingüística.

Um dos ensinamentos de Saussure diz que o ponto de vista cria seu objeto de estudo. A forma estrutural de olhar os fenômenos da linguagem é um ponto de vista saussureano e não deve ser confundido com Gramática da Língua. Gramática é um modo de olhar a língua, uma teoria para que se estude a língua que usamos. Mas uma dentre várias. Assim, com a Teoria da Argumentação na Língua, se propõe não só estudar, mas também descrever os elementos que constituem a língua. Os livros que chamamos *gramáticas* são uma tentativa de registro e explicação de alguns dos fenômenos que ocorrem na *língua*, ou seja, no conjunto de regras que sustenta o sistema, no caso, o da Língua Portuguesa. Se, por um lado, o sistema tem um conjunto de classes e categorias historicamente constituído e reconhecido por seus falantes, por outro, ele permite ao usuário algumas escolhas (seja de unidades lexicais, de estruturas morfológicas; seja de estruturas sintáticas) que não podem ser creditadas nem a um sistema fechado, nem tampouco às particularidades de quem fala.

Todo idioma é uma realidade de alguma forma organizada. Apesar de o número de enunciados de uma língua ser relativamente infinito, não é toda seqüência de sons ou de palavras que adquirirá sentido. Nenhuma língua é um todo unificado e pleno de significação por sua estrutura. A Língua Portuguesa, como os outros idiomas, define-se efetivamente pelo conjunto das inúmeras variedades presentes e pelos usos feitos por seus falantes.

É importante destacar que as mudanças geram contínuas alterações na configuração estrutural das línguas sem que, contudo, se perca a plenitude estrutural em que se baseiam os falantes. Podemos dizer que a faculdade da linguagem não muda; o que muda são as manifestações dessa faculdade, ou seja, as línguas e seus usos não param de mudar à medida que o tempo passa. Embora estejam em constante mudança, a Língua Portuguesa, por exemplo, nunca perderá seu caráter sistêmico. Em outras palavras, a Língua Portuguesa muda, mas continua organizada de tal forma que oferece a seus falantes os recursos necessários para circulação de significados e produção de sentido.

É sobre o uso que fazemos do sistema língua que Oswald Ducrot faz uma leitura bastante particular dos estudos estruturalistas. O próprio Saussure prevê

uma Lingüística da Fala³, mas por razões metodológicas, faz seu estudo baseado na Lingüística da Língua. Ducrot, contudo, atenta para esse fato (DUCROT, 1987, p.64) e afirma não haver uma lingüística da língua sem que haja também uma lingüística da fala, afinal, opor língua e fala é uma decisão de Saussure puramente metodológica, como afirma Ducrot (1987, p.64):

Pois a oposição língua-fala tem, em Saussure, duas funções. Uma metodológica, corresponde à distinção clássica entre o objeto construído pelo pesquisador e o dado do qual este objeto deve fornecer uma explicação.

De acordo com Ducrot há uma diferença material entre língua e fala: enquanto a língua é material estruturado e sistêmico, a fala pressupõe um falante que colocará essa língua em uso. Ao colocar o falante nos estudos lingüísticos, Ducrot faz uma escolha: não mais a frase (constructo teórico) passa a ser objeto de estudo, mas o enunciado, para que assim possa dar início à Semântica Argumentativa (DUCROT, 1987, p.66).

O que se recusa aqui não é, pois, o recurso a uma representação formal, que me parece necessária, mas a idéia de que tal representação formal possa ser, no sentido comum da palavra, uma linguagem cujas fórmulas possuam significação própria.

Ducrot, ao buscar o sentido nos enunciados ditos, cria a Semântica Argumentativa ou, em outros termos, Semântica Lingüística. É um estudo de como o sentido da língua se constrói quando colocada em uso pelos falantes. Devido a isso, Saussure torna-se importante: se a fala é o uso que fazemos da língua, esse uso adquirirá um sentido único em uma determinada situação enunciativa; assim como é o pensamento saussureano sobre as relações entre os signos.

2.2 A SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA POR OSWALD DUCROT

Considera-se, nesta pesquisa, que os advérbios terminados em –mente têm argumentação própria, assim como todo o sistema da língua. Para tal

³ Curso de Lingüística Geral, p. 26.

verificação, tomou-se por base a Teoria da Argumentação na Língua (TAL). Desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean Claude Anscombe em 1983, a TAL tem raízes estruturalistas, e, após algumas alterações – sem nunca deixar de ver a língua como argumentativa, tomou a forma conhecida atualmente, a Teoria dos Blocos Semânticos. Portanto, é necessário verificar com clareza o como Ducrot estuda a linguagem via Semântica Argumentativa.

Para tratar da Semântica Argumentativa, é preciso entender que a comunicação lingüística e a argumentação estão intimamente ligadas devido à interação social. O sujeito, por meio do uso da língua, expõe as suas impressões de mundo para um interlocutor, colocando em prática a subjetividade e mantendo uma relação intersubjetiva com o seu interlocutor, o que comprova que a Teoria da Argumentação na Língua é também uma teoria enunciativa.

No livro *Polifonía y Argumentación*, Ducrot mostra quais os objetivos de sua Teoria da Argumentação na Língua. O primeiro é se contrapor à concepção tradicional do sentido. Enquanto a concepção tradicional avalia que a língua apresenta três funções, ele se opõe, afirmando ser apenas duas. Outro objetivo da teoria é propor uma descrição lingüística do sentido dos enunciados que emitimos.

Na obra, Oswald Ducrot mostra como outros lingüistas, entre eles Karl Bühler, classificam as funções da linguagem (DUCROT, 1988, p.49). Para eles, a linguagem é objetiva, subjetiva e intersubjetiva. A objetividade da linguagem se encontra no fato de ela ser uma representação da realidade, em que o que é dito representa o mundo ao nosso redor. Já a subjetividade da língua está no fato de ser uma expressão das atitudes do sujeito no momento em que usa a língua. Por fim, a intersubjetividade reside no fato de ser um chamado do locutor para uma interação com um interlocutor.

Ducrot afirma que são apenas duas as funções, excluindo, assim, a objetividade. A língua, para ele, não é representacional, mas argumentativa, pois não há uma língua sem um sujeito falante e sem que esse sujeito se dirija a alguém. O próprio autor afirma isso: “não creio que a linguagem descreva a realidade e tampouco seja objetiva”. Na realidade, para ele, a linguagem se dá através da

expressão de uma atitude própria do sujeito e de uma relação do que o sujeito se propôs dizer a um alocutário.

A Semântica Argumentativa vista por Oswald Ducrot tem base no Estruturalismo saussureano que não tem no mundo exterior da linguagem o seu objeto de estudo, mas somente os fatos da língua. Ducrot afirma que o sentido é construído pelas relações subjetivas e intersubjetivas, e nunca objetivas, como era tradicionalmente visto. Segundo o autor, no momento em que alguém enuncia algo, utiliza para isso uma determinada seqüência de palavras respeitando as regras da língua. Devido a isso, a própria língua coloca restrições à construção dos enunciados realizados em uma dada situação, não tendo como considerar a exterioridade como relevante em relação aos sentidos produzidos.

Os aspectos subjetivo e intersubjetivo são o que tornam a língua argumentativa, e não representacional. O valor argumentativo formado pela união desses dois aspectos comprova que a linguagem é, em essência, argumentativa, e essa argumentação decorre da posição subjetiva para alguém. Esse valor é, para Ducrot, uma orientação para a continuação do discurso, uma posição assumida do sujeito sobre o que fala. Essa proposição do autor fica clara com os exemplos dados. Quando afirmamos que *Pedro é inteligente*, apenas expomos nossa visão de mundo (sobre Pedro), a alguém (pois bem afirma ao dizer que a língua não é objetiva, mas subjetiva e intersubjetiva). Outro ponto ressaltado é o que se pretende ao se dizer que *Pedro é inteligente* (valor argumentativo que pressupõe uma seqüência).

Devido a isso, Ducrot sugere trabalhar com a língua posta em uso, dizendo não ser possível observá-la de outra forma. Logo, é necessário observarmos algumas definições. Iniciemos por frase e enunciado. Para o autor, a frase é uma entidade teórica, por isso, ela não pode ser observada. Ela serve para explicar a infinidade de enunciados, que é o que ouvimos e vemos. Como explica o próprio autor (DUCROT, 1988, p.53), a frase é um objeto teórico, não observável ao lingüista. Já o enunciado é uma realidade empírica que pode ser observada quando escutamos alguém falar. O enunciado é a ocorrência da frase, é uma realização possível, pois a língua é usada; observável, pois é ela o objeto de estudo; e

histórica, pois ocorreu no mundo, antes dela nada houve, depois dela nada haverá. *Enunciado*, para Ducrot, é a produção de um locutor, diferindo de *frase*, que é a entidade lingüística abstrata teórica. Frase é o conjunto de palavras combinadas gramaticalmente, que só adquirirem sentido através de sua significação, seu valor semântico.

Na primeira conferência da obra *Polifonía y Argumentación* (1988), Oswald Ducrot dá um exemplo que torna bastante clara a diferença entre frase e enunciado:

Suponhamos que alguém diga três vezes seguidas 'Faz tempo bom'. Direi que neste caso teremos três enunciados sucessivos de somente uma frase do espanhol. Isso significa que o enunciado é, para mim, uma das múltiplas realizações possíveis de uma frase. (DUCROT, 1988, p. 53)

Tanto a frase, quanto o enunciado contêm um valor semântico. São eles a significação, que contém uma instrução, e o sentido. Segundo Ducrot (1988), a significação é o valor semântico da frase e o sentido é o valor semântico do enunciado.

A instrução, que é dirigida ao interpretante do enunciado, diz que é necessário buscar no enunciado o sentido produzido naquele momento de uso da língua. A instrução é vista por Ducrot como uma generalidade que deve abarcar todas as ocorrências possíveis de um determinado uso na língua. Ao manter uma regularidade, é possível que o falante, então, busque na língua o sentido pretendido em um ou outro uso, porque a instrução é aberta o suficiente para abranger esses e não outros usos da língua.

A diferença entre significação e sentido, como explica o autor, é quantitativa e de natureza. É quantitativa porque o enunciado diz muito mais que a frase. Por isso se diz que o enunciado está sobredeterminado em relação à frase. É também de natureza, porque a significação consiste em um conjunto de instruções que permitem interpretar os enunciados da frase. A instrução é essencialmente aberta e diz o que se deve fazer para encontrar o sentido do enunciado. Ducrot diz que "o sentido do enunciado se produz quando se obedecem às indicações dadas

pela significação” (DUCROT, 1988). Este sentido, para Ducrot, é polifônico. Assim, há os enunciadores, que são a origem do ponto de vista.

Já quanto ao texto e ao discurso, estes operam em nível diferenciado do da frase e do enunciado. Enquanto a frase e o enunciado são de nível elementar, o texto e o discurso são de nível complexo. O texto é composto de frases e o discurso é composto de enunciados inter-relacionados. Portanto, uma mera sucessão de frases e enunciados não compõe um texto e um discurso. Eles devem estar conectados entre si, porque somente assim constroem o sentido.

2.3 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Ducrot afirma que um dos fundamentos da Teoria da Argumentação na Língua (TAL) é a descrição semântica da linguagem no quadro do estruturalismo saussuriano. A teoria tem base no estruturalismo saussuriano, especificamente o sistema de signos – os quais se definem uns em relação aos outros – e a dicotomia língua/fala, o conceito de signo lingüístico e a noção de relação entre os signos. Ducrot faz uma leitura própria desses conceitos.

Um conceito estruturalista muito importante na Teoria da Argumentação na Língua é o de signo lingüístico e a relação entre os signos. Saussure explica que o signo contém um significante, a imagem acústica do som, e um significado, o conceito. Oswald Ducrot entende que o significado não tem relação nenhuma com seu referente no mundo, tampouco com o conceito psicológico que os falantes poderiam ter dele, ou com as coisas e as idéias, mas está relacionado com os outros signos. Sendo assim, conclui-se que esta relação não é feita com o mundo, mas é uma relação estritamente lingüística. Saussure explica que é a relação de um signo com outro que os define (um signo é o que o outro não é). Na Teoria da Argumentação na Língua é a relação entre palavras, frases e discursos que constrói o sentido.

Na Teoria da Argumentação na Língua, a noção de relação está nas relações sintagmáticas que constroem os encadeamentos discursivos, em especial os argumentativos. Esse tipo de encadeamento é constituído de duas frases simples, em que há um argumento (A) e uma conclusão (C). Ducrot justifica a escolha dessa relação argumentativa como foco de estudos da TAL por duas razões. Uma que essa relação é intrinsecamente ligada ao discurso, sem basear-se nas inferências que o discurso mostra, mas somente nos elementos da língua ali presentes. Outra que a argumentação é fundamental nas relações discursivas, permitindo a unificação da descrição lingüística.

Segundo Ducrot e Anscombre, essa relação estritamente lingüística é argumentativa, ou seja, ao emitir um enunciado, o locutor está argumentando para o interlocutor e dando seu ponto de vista sobre o mundo. Para os autores, onde há língua, há argumentação. Sendo assim, a argumentação está na língua, não no mundo real.

A relação língua/fala também é um princípio saussureano fundamental. Enquanto Saussure separa língua de fala, sendo a primeira o sistema, o aspecto social da linguagem e a segunda o uso do sistema pelos falantes, o aspecto individual, Ducrot dirá que não é possível separá-las, já que não se pode ter acesso à língua senão pela fala. Esta é sua dicotomia básica e, juntamente com o par sincronia/diacronia, constitui uma das mais fecundas, fundamentando-se na oposição social/individual. O que é fato da língua está no campo social; o que é ato da fala ou discurso situa-se na esfera do individual.

Ao explicar essa noção, de que a fala é um ato individual, Ducrot afirma que o falante atribui à sua enunciação um valor próprio, mas há uma causalidade social, devido a uma relação eu/tu, que justifica parcialmente o valor atribuído ao enunciado. Oswald Ducrot, na Teoria da Argumentação na Língua, utiliza o conceito de fala individual para explicar que o falante, ao emitir um enunciado, deixa nele características próprias e sua própria visão de mundo. Por essa concepção enunciativa, para Ducrot, a língua não é representação, e sim o modo de ver o mundo, já que não há como relatar o mundo do modo como ele realmente é porque

o locutor sempre o verá de acordo com seu ponto de vista e isto estará marcado na linguagem que utiliza esse locutor.

Essas marcas que o locutor deixa em seu uso da língua revelam porque Ducrot afirma que há somente duas concepções de sentido: a subjetiva e a intersubjetiva. Como explica Oswald Ducrot na primeira conferência da obra *Polifonía y Argumentación*, de 1988, as indicações objetivas seriam uma representação da realidade, as subjetivas indicam as atitudes do locutor diante da realidade e as intersubjetivas se referem às relações do locutor com as pessoas a quem se dirige.

Oswald Ducrot, na mesma obra citada acima, exemplifica com o enunciado:

(1) Pedro é inteligente.

A semântica tradicional dirá que o aspecto objetivo ocorre no momento em que é feita uma descrição de Pedro. A subjetiva ocorre quando há uma certa admiração do locutor do enunciado por Pedro e a intersubjetiva quando o locutor pede ao seu destinatário um comportamento específico em relação a Pedro, por exemplo, que confie nele, ou, pelo contrário, que desconfie dele.

A Teoria da Argumentação na Língua critica essa análise no momento em que questiona o aspecto objetivo da linguagem. Para Ducrot, ao enunciar que *Pedro é inteligente*, o locutor dará, sim, uma descrição dele. No entanto, essa descrição estará ligada à admiração subjetiva do locutor por Pedro, já que ele emitirá tal enunciado a partir de sua opinião sobre Pedro e sobre sua inteligência.

O mesmo ocorre com o aspecto intersubjetivo. Ao enunciar que Pedro é inteligente, necessariamente se argumenta para que o interlocutor aja desta ou daquela maneira em relação a Pedro. Por isso, Ducrot afirma que não há objetividade na linguagem, já que não é possível falar sem colocar seu ponto de vista. Logo, se não há como falar sem apresentar seu ponto de vista, a linguagem é

subjativa e não representacional, sendo seus únicos aspectos o subjetivo e o intersubjetivo.

Ducrot ainda explica que a união desses dois aspectos resultará no *valor argumentativo*. O valor argumentativo é a orientação que a palavra dá ao discurso. O valor argumentativo que a palavra carrega exigirá que o enunciado continue desta ou daquela maneira.

Continuando com o exemplo fornecido por Ducrot na obra *Polifonía y Argumentación*, a palavra *inteligente* tem valor de “capaz”, de “conhecedor”. Por isso, quando se diz que *Pedro é inteligente*, não se poderia continuar o discurso com “logo não poderá resolver o problema”. É necessário dizer “*Pedro é inteligente*, logo *podrá resolver o problema*”. Se for o caso de o locutor crer, que mesmo sendo inteligente, Pedro não conseguirá resolver o problema, não poderá utilizar “logo”. Deverá utilizar “mas”. Assim, “*Pedro é inteligente*, mas *não podrá resolver o problema*”.

3 TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Considerando que este trabalho busca investigar a instrução para os advérbios terminados em –mente, para que, então, se analise os sentidos produzidos pelo locutor e a relação existente entre esses advérbios e os enunciados ou a enunciação em que estão inseridos, é necessário explicitar o que se entende pela Teoria dos Blocos Semânticos, teoria usada como base. A Teoria da Argumentação na Língua (TAL), proposta por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, em 1983, tem como premissa para mostrar que a argumentação está presente na própria língua. Em seu cerne, está tanto a reflexão filosófica sobre o funcionamento da língua, como também a observação, a análise e a descrição de suas situações de uso, para que se descreva lingüisticamente o sentido produzido pelo falante naquela situação enunciativa. Três momentos distintos podem ser considerados no desenvolvimento dessa teoria: a *forma standard*, em um primeiro momento; a *forma recente*, de 1988, que trata da polifonia e dos topoi; e a *Teoria dos Blocos Semânticos*, em um terceiro e atual momento da pesquisa.

No livro *Polifonía y Argumentación*, publicado em Cali, resultante de conferências lá realizadas, o próprio autor diz como pretende chegar ao sentido das palavras (DUCROT, 1988, p.35):

[...] os valores semânticos que eu atribuo às palavras consistem somente em “orientações argumentativas”. O sentido das palavras consiste simplesmente em instruções sobre o tipo de continuação a dar ou a não dar aos enunciados em que as palavras aparecem, sobretudo o modo como se pode ou não se pode concluir a partir delas. [...] O valor lingüístico [das palavras] consiste inteiramente, do ponto de vista semântico, em um apelo à interpretação. O sentido lingüístico não é feito, se se pode dizer, senão de buracos, acompanhados de diretivas quanto ao modo de preenchê-los.

É pressuposto da Semântica Argumentativa que a *orientação argumentativa*, no texto mencionada, já se encontra na “língua” – ou melhor, é própria dela. Assim, a *instrução*, para se chegar ao *sentido*, é entendida como a orientação que o enunciado fornece ao interlocutor para que a interpretação se processe com eficiência. Afirmar que a argumentação é inerente à própria língua

significa também dizer que se questionam as idéias que se tornaram clássicas e predominaram nos estudos lingüísticos: funções informativa, comunicativa, descritiva ou veritativa são externas à linguagem, pois trazem o mundo para o ato de fala. Ducrot e Anscombe consideram que a língua não informa sobre o mundo, nem o que se diz tem de ter relação com o real no mundo, mas que, ao contrário disso, o locutor dá suas impressões de mundo a um interlocutor. E essas impressões só são transmitidas porque a própria língua comporta indicações de caráter argumentativo em seus usos discursivos.

Portanto, não se deve compreender o sentido como correspondência a uma realidade física ou mental, mas como a orientação que certos elementos fornecem para uma certa conclusão, como afirmou o autor (DUCROT, 1983, prefácio):

Significar, para um enunciado, é orientar. De modo que a língua, na medida em que contribui em primeiro lugar para determinar o sentido dos enunciados, é um dos lugares privilegiados onde se elabora a argumentação

No caso dos elementos que articulam seqüências enunciativas, será possível observar que eles estão a serviço de uma argumentação específica, remetendo ao conjunto de elementos de um texto.

O fundamento da tese de Ducrot está no pressuposto de que a língua, como objeto teórico, deve conter referência àquilo que constitui a *fala* na teoria de Saussure. A TAL vincula-se também às teorias enunciativas, pois alicerça-se na relação dialógica existente entre um locutor e um interlocutor. Ducrot assume o posicionamento firmado por Benveniste⁴ de que a enunciação é um evento cujo momento, de certa forma, está registrado no interior do próprio enunciado. Contudo, o foco de Ducrot está voltado para o sentido do enunciado, a descrição de sua enunciação, e não somente para o ato enunciativo, como em Benveniste. Em síntese, Ducrot descreve a presença da enunciação no enunciado.

⁴ O posicionamento do lingüista Émile Benveniste pode ser encontrado na obra Problemas de Lingüística Geral, tanto no volume I, como no II. A obra de Benveniste inaugurou os estudos de uma Lingüística Enunciativa.

Os tópicos seguintes apresentam os diferentes momentos pelos quais passa a Teoria da Argumentação na Língua. Além de perceber as alterações até a versão mais atual, a Teoria dos Blocos Semânticos, será possível observar que o foco inicial nunca se modificou: a língua é argumentativa em si mesma.

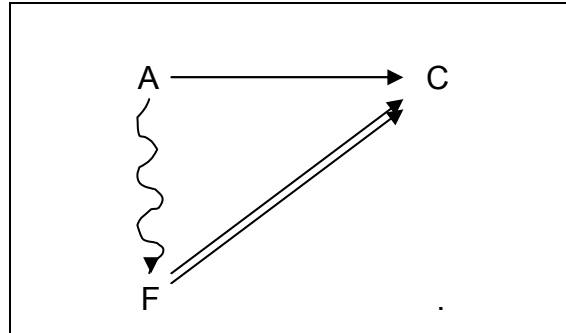
3.1 OS DOIS PRIMEIROS MOMENTOS

3.1.1 A Forma *Standard*

A Forma *Standard* é conhecida como o primeiro momento da Teoria da Argumentação na Língua. Encontrada na obra *L'argumentation dans la langue* (1983), a teoria foi desenvolvida por Ducrot e Anscombre. Nesse primeiro momento da teoria, já aparecem os conceitos de frase e enunciado e de significação e sentido, assim como as bases estruturalista e enunciativa.

De acordo com essa teoria, não há preocupação com o autor do enunciado, ou com o fato a que esse enunciado remete. O importante é olhar o enunciado, como produto de uma realização discursiva. Ducrot e Anscombre, ao se oporem ao que se chama de *conceito tradicional da argumentação*, negam essa concepção que apresenta a idéia de que um enunciado é representativo do mundo. Assim, um discurso se constitui do segmento A como argumento para justificar um segundo segmento C como conclusão. O segmento A deve indicar um fato F, que é representativo da realidade e pode ser considerado verdadeiro ou falso, independente do segmento C. O argumento A é considerado uma assertiva, o qual já possui um valor de verdade antes mesmo que se conheça qualquer conclusão C. De acordo com essa concepção, a conclusão C pode ser inferida a partir do fato F. Ducrot observa que a concepção analisada relega um papel por demais reduzido à

língua, já que a conclusão C pode ser inferida de um fato F, independente do uso que se faz da língua, seguindo o seguinte esquema⁵:



Contudo, a objetividade (representação da realidade no momento de uso da língua) presente nessa concepção é questionada por Ducrot, pois assim a linguagem seria considerada representacional. A formulação da TAL leva em consideração que a argumentação é intrínseca à língua. O principal motivo que levou Ducrot a criticar essa concepção é a dependência de recursos extralingüísticos, cabendo à língua somente tratar dos enunciados, das conclusões e fornecer os elementos capazes de relacionar os enunciados A e C entre si.⁶

Para Ducrot, essa concepção tradicional é insuficiente, pois não dá conta de um mesmo fato F na realidade que pode ser descrito de maneiras diferentes na língua, como no exemplo abaixo, levando, portanto, a conclusões diferentes.

- (1) Marcela dormiu pouco.
- (2) Marcela dormiu um pouco.

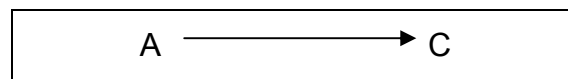
Podemos ter diferentes conclusões em relação à força argumentativa contida em um enunciado. Se considerarmos um contexto em que dormir corresponde a descanso, por exemplo, teremos uma conclusão negativa para

⁵ O esquema presente na obra *Polifonia y Argumentación*, na Segunda Conferência, mostra como Ducrot vê a forma como A designa um fato F. Como a obra é escrita originalmente em espanhol, F é visto como H de hecho, fato em espanhol.

⁶ Concepção apresentada por Ducrot na obra *Polifonia y Argumentacion*, também na Segunda Conferência, da página 72 a 74.

Marcela na asserção (1) e uma conclusão positiva na asserção (2). Já em um contexto em que dormir está relacionado à preguiça, teremos uma conclusão positiva na asserção (1) de Marcela, e negativa na (2).

Já a TAL, no entanto, procura eliminar a ligação com o fato F, que designa o mundo real. A noção de relação em Saussure é fundamental nesse ponto para a compreensão teórica. Essa noção se encontra nas relações sintagmáticas que definem os encadeamentos discursivos. Os encadeamentos argumentativos com que Ducrot analisa a língua são formados por *frases simples*, em que o segmento A é igualmente visto como argumento, e o segmento C é também visto como conclusão, constituindo uma *frase complexa*, o *enunciado*. A relação existente entre A e C, de argumento/conclusão, cria uma unidade de sentido de quem está usando a língua, sem que qualquer um desses elementos represente, necessariamente, um fato F no mundo, mas as visões de mundo do locutor do enunciado produzido, como pode ser mostrado abaixo:



Confirma-se, a partir dessa constatação, que a forma *standard*, proposta por Ducrot, se opõe à Concepção Tradicional de Sentido, uma vez que os elementos externos à linguagem não são considerados. Dessa maneira, cria-se o valor argumentativo do enunciado, pois a linguagem não tem como descrever a realidade, o mundo. Há, portanto, as percepções subjetivas de um locutor, e sua relação intersubjetiva com um interlocutor, dando suas compreensões de mundo.

3.1.2 Polifonia e *Topos*: a Forma Recente

Reformulações na Forma *Standard* levaram Ducrot a propor, em um segundo momento da teoria, a noção de polifonia. Esse conceito foi trazido de Mikhail Bakhtin e de sua forma de opor e caracterizar as formas dogmática e popular

da literatura. Ducrot propõe uma adaptação à lingüística, em que se possa confrontar os diferentes sujeitos, pois acreditava que o sentido do enunciado se constrói a partir do resultado do confronto de diferentes vozes. Assim ocorre porque a argumentação poderia ser, então, descrita no nível dos enunciadores, e não mais somente no dos enunciados.

A teoria polifônica apresenta a idéia de que em um mesmo enunciado há vários sujeitos com *status* lingüísticos diferentes. O *sujeito empírico* (SE) é o autor de fato, real produtor do enunciado. O *locutor* (L) é considerado responsável pelo enunciado, pela sua produção, inscrevendo marcas no discurso, como *eu, mim, aqui, agora*. Já os *enunciadores* (E) se expressam pela enunciação, sem que lhes sejam atribuídas palavras precisas, mas pontos de vista. O locutor é fonte de um discurso qualquer, mas os pontos de vista expressos nesses discursos podem ser atribuídos a diferentes enunciadores, com os quais pode, ou não, se identificar.

Essa percepção contra a unicidade do sujeito aparece como uma contestação, pois o discurso, para Ducrot, é polifônico, ou seja, para que haja enunciação é necessário que um ser no mundo diga esse enunciado. Contudo, este “ser no mundo” não interessa para estudar a linguagem. Os enunciadores são as formas de ver o mundo assumidos ou rejeitados pelo locutor em sua fala.

Uma outra modificação feita na Teoria da Argumentação na Língua em relação aos estudos anteriores diz respeito ao fato de as possíveis argumentações não serem determinadas somente por argumento e conclusão. A relação entre A e C passa a ser considerada: é introduzida a idéia de *topos*, um princípio argumentativo.

O conceito de *topos*, que tem base aristotélica, considerava que junto às palavras encontram-se não os objetos a ele referidos, mas os seus conceitos. Esse conceito era o princípio argumentativo que permitia a passagem entre o argumento A e a conclusão C. O locutor, então, assumia um determinado *topos* para que a passagem entre A e C fosse o mais coerente com o que se desejava com o enunciado.

O *topos* possui três características importantes: é universal, geral e gradual. É universal, pois não pertence somente ao locutor do enunciado, mas, quando usado por ele, é aceito por toda a comunidade falante em que esse locutor está inserido. Também é geral, pois além de ser aceito por toda a comunidade lingüística a que o locutor pertence, pode ser usado em outras situações que sejam semelhantes. O *topos* ainda é gradual, porque estabelece relação de gradualidade entre duas escalas que se influenciam.

Vejamos o exemplo dado pelo próprio Ducrot.

“Faz calor, vamos à praia.”

→ universal:	o calor somente é uma justificativa aceitável se a pessoa convidada também concorda que ir à praia com calor é bom.
→ geral:	em todos os momentos, inclusive fora dessa situação dialógica, ir à praia com calor é bom.
→ gradual:	em uma escala de comum conhecimento, quanto mais calor, mais agradável é ir à praia

A idéia de passagem passa a ser questionada posteriormente, pois os *topoi* abriam espaço para um elemento extralingüístico. De acordo com o próprio Ducrot,

Não quero dizer, e esta é minha conclusão final, que a língua impõe uma ideologia, parece-me, pelo contrário, que nos deixa uma certa liberdade ideológica. Penso que a língua está feita para uma sociedade que contém uma ideologia e que se adapta a esta ideologia, funcionando graças a ela. **A língua necessita da ideologia.** (grifo meu). (DUCROT, 1988, p. 151)

A Teoria da Argumentação na Língua somente admite que a língua é argumentativa, que ela prescinde de elementos externos. Mesmo entendendo *ideologia* como um conjunto de regras sociais que organiza a vida em grupo, ou um conjunto de idéias, pensamentos, doutrinas e visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas, ela não teria espaço na Teoria dos Blocos Semânticos. Descartar o conceito de *topos* é voltar à concepção inicial da teoria: argumentação na língua.

3.2 TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS

Com as reformulações de Marion Carel, a Teoria da Argumentação na Língua chega a um terceiro e atual momento, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Essa nova etapa tem início em 1992, quando Carel defende sua tese de doutorado e busca ampliar alguns conceitos da TAL.

Logo no início da obra *La Semántica Argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*, de 2005, em sua primeira conferência, Ducrot explica como antes tratava o enunciado. Para ele, os encadeamentos argumentativos se baseavam em princípios gerais chamados *topoi*. Os *topoi* permitiam a passagem entre o argumento e a conclusão. Utilizando um exemplo dado na mesma obra,

A	con	C
ARGUMENTO	conector	CONCLUSÃO
(1) O hotel é perto	logo	é fácil chegar.

Ducrot afirmava que o *topos* é social e está fora da linguagem, assim, o enunciado acima baseia-se no fato de que quanto mais perto, mais fácil de chegar. O que ocorre é que Ducrot e Anscombe, para fazer tal afirmação, baseavam as relações argumentativas em princípios extralingüísticos, em princípios da realidade. Isso estaria afrontando o princípio saussureano de que a língua só pode ser estudada nela mesma, e a concepção central da teoria de que a argumentação está na própria língua.

Na Teoria dos Blocos Semânticos, Carel reformula um conceito anterior de Ducrot e Anscombe de que o argumento e a conclusão são segmentos de um enunciado. Carel discorda da forma de olhar a argumentação como uma seqüência de enunciados de A para C. Esse primeiro elemento da seqüência, A admite uma conclusão independente de uma conclusão C. Assim, tanto o argumento

A como a conclusão C são vistos como representações unitárias, constituindo o próprio sentido dos encadeamentos argumentativos.

Já sabendo que o primeiro e o segundo segmentos de um encadeamento não podem ser interpretados independentemente um do outro, Oswald Ducrot juntamente com Marion Carel chama o sentido que decorre dos dois segmentos de bloco semântico. Então, em *A con C*, nem o argumento A, nem a conclusão C são considerados enunciados, mas segmentos que fazem parte de um *encadeamento argumentativo*, constituindo um *bloco semântico*. A autora insere a noção de que o discurso, como um encadeamento argumentativo, é o único portador de sentido, semanticamente. Os blocos semânticos, sentido que decorre desses encadeamentos, se realizam por encadeamentos, e estes, por sua vez, têm dois aspectos: Normativo e Transgressivo. O esquema geral *S1 conector S2* (em que S é *segmento*) está na base desse estudo. Então, quando temos

perto portanto fácil de chegar

temos um encadeamento argumentativo.

Encadeamentos argumentativos são, portanto, discursos que o sentido de uma entidade lingüística evoca, e são formados por dois segmentos (S1 e S2) unidos por um conector. Na Teoria dos Blocos Semânticos, Ducrot e Carel aceitam encadeamentos normativos, em que há conectores do tipo *donc* (*portanto* em francês) e os transgressivos, *pourtant* (*no entanto*, também em francês). Assim, a esquematização para o exemplo acima é:

<p><u>Encadeamento Normativo</u></p> <p>S1 DC S2</p>	<p>(2) O hotel é perto DC é fácil de chegar.</p> <p> perto DC fácil de chegar</p>
<p><u>Encadeamento Transgressivo</u></p> <p>S1 PT neg S2</p>	<p>(3) O hotel é perto PT não é fácil de chegar.</p> <p> perto PT neg-fácil de chegar</p>

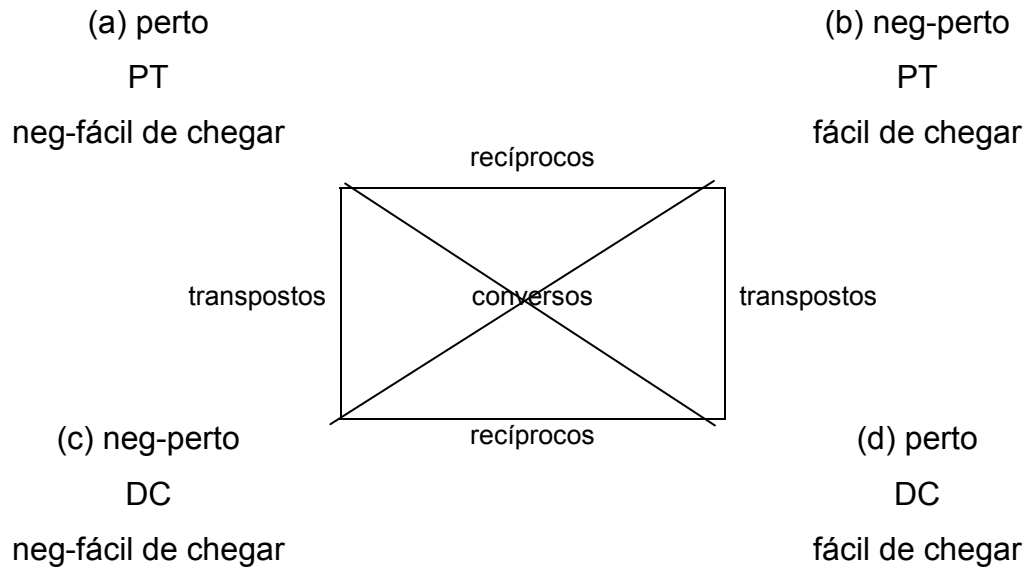
Em (2), temos no primeiro segmento a palavra “perto” que carrega o valor semântico de proximidade, logo, facilidade de chegar. Ao aplicar *O hotel é perto* DC *é fácil de chegar*, se está em conformidade com a norma, logo, é um *encadeamento normativo*. Contudo, em (3), tem-se a mesma palavra “perto” para o primeiro segmento, com seu valor de proximidade, logo, facilidade, mas o uso de PT e de *neg-fácil* caracteriza que, mesmo sendo perto, o acesso é difícil. Assim, ocorre uma transgressão da norma, ou seja, um *encadeamento transgressivo*. Além disso, eles podem representar outros conectores: DC pode ser “portanto”, “logo”, “então”, etc. e PT pode ser “entretanto”, “contudo”, “no entanto”, etc.

Após comprovar a interdependência semântica entre os segmentos de um encadeamento argumentativo, Carel passa a explicar como é formado o bloco semântico. Para a autora, a noção de bloco semântico está diretamente ligada ao conteúdo semântico do encadeamento argumentativo proposto.

Sobre os encadeamentos argumentativos, Carel define que eles são a unidade de sentido e que argumentar consiste em ser coerente com regras que evoquem o bloco semântico construído. Como afirma a própria autora, encadeamento argumentativo “é toda seqüência de dois segmentos que são, de certo modo, dependentes; argumentar consiste em evocar blocos semânticos”.

Um bloco semântico, seja ele normativo, seja transgressivo, possui quatro aspectos que formam um quadrado argumentativo. As estruturas dos encadeamentos em DC e em PT levam a relações recíprocas, transpostas e conversas entre os enunciados, ressaltando os quatro aspectos de um mesmo bloco. Tomando por base o exemplo (1), é possível ter:

(1) O hotel é perto, logo é fácil de chegar



Dessa forma, constata-se que os encadeamentos previstos pelo enunciado (1) se relacionam entre si. Enquanto (a) e (b), e (c) e (d) são *recíprocos*, pois apresentam aspectos transgressivos e normativos relacionados entre si; os encadeamentos (a) e (c), e (b) e (d) são *transpostos*, pois partem de segmentos opostos e, devido aos conectores opostos usados, chegam a uma mesma conclusão; já (a) e (d), e (b) e (c) são *conversos*, já que partem de um mesmo primeiro segmento e, devido aos conectores opostos usados, chegam a conclusões opostas entre si. Com isso, pode-se afirmar, segundo esse novo momento da teoria, que os quatro aspectos constituem o mesmo bloco semântico.

Ducrot (2002) afirma que os encadeamentos argumentativos são um conjunto de discursos dotados de sentido. Sintaticamente são vistos como uma seqüência de proposições ligadas por um conector. Essas proposições, podendo ser enunciados, podendo ser palavras, levam a um tipo de análise lexical.

A Teoria dos Blocos Semânticos leva consigo princípios de uma semântica argumentativa que nos dá base para construir e entender sentido através da lexicalização. Justifica-se, então, a possibilidade de se descrever o léxico de uma língua e não apenas o enunciado, como antes era previsto: nascem as noções de Argumentação Interna e Argumentação Externa das palavras.

Em um dado exemplo, como, “Pedro tem problemas, portanto tenta solucioná-los”, temos a entidade *problema* que é a geradora de encadeamento argumentativo. As argumentações externa (AE) e interna (AI) são diferentes no que tange os seus aspectos. As AE são contextuais na língua, enquanto as AI são contextuais ou estruturais, referindo-se a um determinado enunciado. Se tomarmos o léxico *problema*:

AE — problema DC precisa de solução o quanto antes

AI — dificuldade DC não se sabe a solução

Para diferenciar a Argumentação Externa da Interna, o próprio Ducrot dá a explicação (2002, p. 9, 10):

Chamar-se-á argumentação externa (AE) de uma entidade a pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua, e que estão ligados a ela de modo externo. (...) Como a AE, a AI é feita de aspectos, mas como se trata de uma reformulação, é feita de aspectos cuja entidade, desta vez, não é ela mesma um segmento.

Enquanto a AE decorre da própria palavra, a AI pode ser considerada uma paráfrase do léxico a ser analisado, uma forma de compreendê-lo no sistema da língua ou na situação enunciativa proposta. Isso porque, afinal, *problema* pode ser entendido e explicado de outras maneiras, mas não de quaisquer maneiras. Essa relação de interdependência entre as palavras, portanto, extrapola o nível do léxico e do enunciado: é discursiva, podendo ser uma teoria usada para analisar tanto enunciados como discursos.

A própria língua antecipa, em sua organização, possibilidades de escolhas lexicais e de formação de enunciados dentro de um discurso; e ela também prevê a impossibilidade de haver qualquer escolha, mesmo isso ocorrendo em um dado contexto. Como a Teoria da Argumentação na Língua ainda passa por análises e estudos pelo próprio Ducrot e por Carel, ela vem sendo aprimorada constantemente. Portanto, essas fundamentações de base, aqui estudadas, continuam contribuindo para o estudo da teoria, em seu terceiro momento, a Teoria dos Blocos Semânticos.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

4.1 O OBJETO DE ANÁLISE

No presente trabalho, interessa-nos investigar a instrução dos advérbios de acordo com a Teoria da Argumentação na Língua e o sentido construído pelo locutor nos enunciados ou na enunciação em que aparecem. Cremos que é no uso que as expressões lingüísticas adquirem sentido e, portanto, definem sua função em relação a outras expressões que no discurso aparecem.

4.1.1 Os advérbios com sufixo –mente

A Gramática Tradicional, ou Normativa, da Língua Portuguesa⁷ vê o advérbio como a expressão ou elemento que denota por si só uma circunstância (de lugar, tempo, modo, etc.). O advérbio é uma palavra de natureza nominal ou pronominal que se acrescenta à significação de um verbo, de um adjetivo, de um advérbio, ou da frase como um todo. Essas modificações são consideradas não-essenciais do ponto de vista sintático, pois é uma classe que mostra visão de mundo quando presente na sentença.

A maior parte das gramáticas normativas apresenta o estudo sobre a língua dividido em partes, como fonologia, morfologia e sintaxe, explorando a significação das classes de palavras e não os seus possíveis sentidos construídos a partir de diferentes situações de uso. Assim, a classificação dos advérbios é feita a partir da noção de modificação de elementos presentes na frase. Começemos a análise por duas frases que contêm advérbios.

*Pedro bebe **compulsivamente**.*

*João compareceu **pontualmente***

⁷ A presente seção é uma pesquisa feita em duas gramáticas consideradas de referência no estudo da Língua Portuguesa: BECHARA, Evanildo (2006), e CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (2007).

É válido afirmar que *compulsivamente* indica o modo como Pedro bebe e que *pontualmente* particulariza o modo como João compareceu. Isto é, as duas palavras estão modificando as ações denotadas nas sentenças. Podemos dizer, diante disso, que em muitos usos, uma característica bem definida dos advérbios é funcionar como complementos frasais. Analisemos outra série:

Marcela desfilou linda.

*Marcela desfilou **muito**.*

*Marcela desfilou **muito** linda.*

*Marcela desfilou **lindamente**.*

Na primeira frase, *linda* modifica *Marcela*. Na segunda frase, *muito* modifica a ação denotada por *desfilou*. Na terceira frase, *linda* modifica *Marcela*, mas *muito* não modifica a ação do verbo, modifica sim, o adjetivo *linda*. Na seguinte, o próprio adjetivo é transformado em advérbio, o que caracteriza o modo como foi o desfile de Marcela. Advérbios, portanto, podem modificar adjetivos, ou se tornar advérbios a partir deles. Vejamos:

*César dirige **muito**.*

*César dirige **muito bem**.*

Na primeira frase, entende-se que *muito* quantifica a ação indicada na frase e explicitada pelo verbo. Já na segunda frase, se nos baseássemos no comportamento típico dos adjetivos, por exemplo, concluiríamos que Pedro dirige muito e bem. Mas não é o que acontece com os advérbios. A interpretação correta da frase é que Pedro dirige mais do que bem, dirige bem além da conta. O advérbio *muito*, nesse caso não modifica a ação do verbo, mas modifica o outro advérbio (*bem*). Modificar outros advérbios é mais uma característica dos advérbios.

É possível encontrarmos várias similaridades e convergências entre adjetivos e advérbios. Ambas as classes contam com aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos relevantemente semelhantes.

*A bailarina é **linda**.*

*A bailarina dança **lindamente**.*

Muitos advérbios derivam de adjetivos pelo acréscimo do sufixo *-mente* à forma feminina do adjetivo, se houver. Tanto *linda* como *lindamente* apresentam o mesmo radical: ambas as palavras são modificadores e o sentido que portam é basicamente o mesmo nos dois casos exemplificados, ou seja, uma qualidade, a beleza, está sendo atribuída a uma pessoa e a uma ação respectivamente.

Os adjetivos e advérbios contrastam nas condições em que podem ser empregados para formar sintagmas complementares da frase. Ou seja, O adjetivo pode ser empregado como complemento de frases copulativas e o advérbio não.

A moça é linda.

* *A moça é muito.*

Tanto o adjetivo como o advérbio podem complementar frases não copulativas, mas nesse caso, o adjetivo modifica apenas o sujeito e o advérbio modifica a frase como um todo.

Marcela desfilou linda.

Marcela desfilou lindamente.

Notemos que na primeira frase, o adjetivo *linda* modifica *Marcela*. Na segunda frase, *lindamente* modifica *Marcela desfilou*. As características morfológicas de adjetivos e advérbios podem ser decisivas para a interpretação do significado da frase como vemos em seguida:

*As manifestantes são **muito** radicais.*

As manifestantes são **muitas radicais.*

Na primeira frase, o fato de *muito* não concordar em número e gênero com *manifestantes* indica que *muito* está sendo usada como advérbio. Em função disso, o falante vai entender que *muito* determina *radicais* em vez de determinar *manifestantes*, já que na gramática do português advérbio não determina substantivo. Na segunda frase, o fato de *muitas* concordar em gênero e número com *manifestantes*, induz o falante a considerar *muitas* como adjetivo. Como no português, adjetivo só determina substantivo, a determinação de *muitas* recai sobre *manifestantes* e a segunda frase ganha sentido diferente da primeira.

Diante das convergências constatadas entre adjetivos e advérbios, a Gramática poderia propor um modelo de análise em que as duas classes seriam tratadas como casos de uma classe mais abrangente. Dessa forma, palavras como as agrupadas a seguir seriam tratadas como integrantes de um mesmo lexema.

Certo, certa, certos, certas, certamente.

Pronto, pronta, prontos, prontas, prontamente.

As flexões com gênero e número definidos seriam tratadas como pertencentes ao caso adjetivo e a flexão terminada em *—mente*, seria incluída no caso adverbial. Observe que estaríamos unindo os adjetivos e advérbios em uma mesma classe. Respaldo há, afinal, o adjetivo e o advérbio, se distinguem basicamente pelas funções sintáticas distintas que desempenham, podendo a raiz ser identificada como a mesma e o seu sentido semelhante.

Outra característica importante dos advérbios é a possibilidade de, isoladamente, modificarem o sentido de uma frase como um todo, complementando-a.

O preço subiu rapidamente.

A tempestade chegou subitamente.

A ação desses advérbios com sufixo *—mente*, nesses casos, estende-se sobre a frase toda, e não só um determinado elemento do conjunto. Essa conclusão parte de um questionamento de que sentido o advérbio está dando à frase. O que se deu rapidamente? A subida do preço. O que se deu subitamente? A chegada da tempestade.

4.1.2 O Objeto e a Teoria

Nesta dissertação, para termos de recorte, procura-se entender o uso que o locutor de um enunciado faz dos advérbios com sufixo *—mente* e, de acordo com a Teoria da Argumentação na Língua, investigar as formas como constroem sentidos para os diversos usos da língua. A Semântica Argumentativa, delineada por

Oswald Ducrot, é adequada para uma descrição abrangente de uso dos advérbios em Língua Portuguesa, pois nos permite verificar seu funcionamento argumentativo.

Oswald Ducrot (1980) considera os advérbios entidades lingüísticas com ponto de incidência semântica sobre a enunciação. Afirma também que entender um enunciado é ler a descrição da enunciação desse enunciado. Desse modo, é possível afirmar que o ato enunciativo se apóia sobre o enunciado pelo locutor produzido, faz referência a si mesma em cada enunciado veiculado.

Os advérbios com sufixo –mente, objeto de estudo dessa dissertação, também chamaram a atenção de Oswald Ducrot. No quarto capítulo da obra *O Dizer e o Dito*, no qual o autor relaciona o seu modo de ver o Estruturalismo saussureano e a Semântica Argumentativa, Ducrot observa que “certos advérbios qualificam o fato de dizer e não apenas a coisa dita”. Nesse trecho, o autor identifica as três incidências possíveis para os advérbios, mas os coloca em relação a enunciação.

De acordo com Ducrot, o advérbio pode relacionar-se com um constituinte do conteúdo do enunciado, como no exemplo dado pelo próprio autor.

Pedro falou francamente.

No exemplo dado, *francamente* é um advérbio que atua sobre a forma lingüística *falar*, caracterizando apenas esse constituinte do enunciado, e não outro, e não o todo. Com o verbo *falar*, *francamente* constitui o predicado atribuído a Pedro e negado a outros. Já no exemplo abaixo, o advérbio parece relacionar-se com o conteúdo tomado em sua totalidade.

Felizmente, Pedro falou.

No presente exemplo, de acordo com o autor, o advérbio *felizmente* não atua nem sobre o constituinte *Pedro*, nem sobre *falar*. *Felizmente* incide sobre o sentido total do enunciado, mostrando a forma como o locutor se posiciona em relação ao que expõe. Assim, é necessário primeiro tomarmos *Pedro falou* para

análise, pois o qualificador *felizmente* é colocado na seqüência. Há também outro exemplo de um advérbio que atua sobre o ato enunciativo.

Francamente, Pedro falou muito bem.

Já nesse enunciado, de acordo com Ducrot, o advérbio *francamente* não opera sobre qualquer elemento presente no enunciado, mas sobre a forma como o locutor se posiciona em relação ao enunciado produzido, exprime o modo como a asserção é completada. Ducrot define enunciação como sendo o evento que determina o aparecimento do enunciado, restringindo, assim, o estudo ao plano do dito, cujo sentido descreve a enunciação, e não ao seu aparecimento. No entanto, o locutor, responsável pela produção do enunciado, assume relativa importância. Devido a isso, só há argumentação se o locutor se identifica com um dos enunciadores presentes em sua fala.

4.2 METODOLOGIA

No presente trabalho, de caráter qualitativo, para que o objetivo de investigação, de acordo com a Teoria da Argumentação na Língua, de como os advérbios com sufixo –mente constroem sentido nos enunciados em que aparecem seja alcançado, são analisados seis discursos, retirados dos mais diversos meios de comunicação, à luz da mesma Teoria. O método utilizado para análise dos discursos serviu-se de conceitos fundamentais da Teoria dos Blocos Semânticos como locutor, polifonia, enunciadores, pontos de vista, encadeamento argumentativo e seus aspectos normativo e transgressivo.

Os discursos foram escolhidos, porque, na presença dos advérbios procurados, havia produções de sentido nas relações feitas pelo locutor. Partimos da hipótese de que a língua é por si só argumentativa e de que cada elemento que participa de um determinado enunciado contribui na sua construção de sentido. Selecionamos, então, discursos publicados no jornal Zero Hora, na revista 180°, e

no site Omelete, em que encontramos vários usos de advérbios com sufixo -mente, os quais convêm como objeto de estudo à investigação.

Seis textos foram selecionados: *Trabalho Escravo e Panfletagem no Trânsito* são editoriais de opinião do Jornal Zero Hora, de Porto Alegre; o texto intitulado *Bêbados, seis elefantes morrem eletrocutados* é uma notícia do mesmo jornal; *Deu a tendênci.* é parte de uma crônica do cronista Paulo Sant'Ana, também do Jornal Zero Hora; a notícia *Mickey Rourke mutilou-se de propósito nas filmagens de The Wrestler* está presente no site sobre cinema e entretenimento Omelete.com.br; e o texto *Outra Irreverência de Tarantino*, também referente ao mundo do cinema, foi publicado na revista 180°, direcionada a leitores interessados em intercâmbio.

Os discursos foram divididos em enunciados de acordo com os critérios propostos por Oswald Ducrot. A análise desses enunciados será feita consoante o seguinte roteiro, sob o enfoque da Teoria dos Blocos Semânticos:

- 1) Segmentar o discurso em enunciados;
- 2) Identificar importância dos articuladores nos enunciados;
- 3) Identificar enunciadores (polifonia pela TBS);
- 4) Construir a argumentação interna e/ou externa (se necessário);
- 5) Identificar as atitudes do locutor frente aos enunciadores;
- 6) Analisar as relações argumentativas em pontos de vista apresentados no discurso, com base nos conectores DC (portanto) e PT (no entanto);
- 7) Formalizar através de encadeamentos argumentativos;
- 8) Identificar o sentido construído pelo advérbio com sufixo -mente.

4.3 ANÁLISE DOS TEXTOS

A seguir são feitas análises discursivas levadas a efeito em seis textos que compõem o *corpus* da pesquisa neste estudo, tendo como base de aplicação as formas propostas pela Teoria dos Blocos Semânticos, estágio atual da Teoria da

Argumentação na Língua, e em busca de uma instrução válida para os usos de advérbios com sufixo –mente em Língua Portuguesa.

4.3.1 Análise do discurso 1

O presente texto tomado para análise foi publicado no dia 19 de novembro de 2007 e veiculado na seção “Informe Especial: Opinião ZH” do jornal Zero Hora, em que é colocada a opinião do veículo de mídia sobre assuntos da atualidade. O tema abordado, neste discurso, é a descoberta de trabalho escravo no estado do Rio Grande do Sul.

Opinião ZH: Trabalho escravo

É desconcertante para os gaúchos a descoberta de um esquema de exploração de trabalhadores no interior do Estado. Trabalho escravo sempre nos pareceu coisa do Brasil profundo, de recantos abandonados da selva amazônica ou de esquecidos lugarejos das regiões Norte e Nordeste. No chamado Sul Maravilha, especialmente num Estado que se orgulha de sua qualidade de vida, isso parecia impossível. Mas não: 32 trabalhadores vinham sendo mantidos em situação degradante havia quase um ano na vizinhança de Cacequi, consumindo água contaminada e alimentando-se mal. Felizmente, os fiscais do Ministério do Trabalho e as autoridades policiais já libertaram os trabalhadores escravizados. Falta, agora, uma responsabilização judicial exemplar para os gananciosos que os exploravam.

De acordo com o que é apresentado neste discurso, temos os seguintes enunciados.

Primeiro Enunciado: “É desconcertante para os gaúchos a descoberta de um esquema de exploração de trabalhadores no interior do Estado”

Nesse primeiro enunciado, o encadeamento apresenta-se através dos seguintes segmentos interconectados:

exploração de trabalhadores no interior do Estado	DC	desconcertante para os gaúchos
--	----	-----------------------------------

Esse enunciado, além de apresentar polifonia, condensa um discurso normativo. O conector DC (*donc*) marca a dependência semântica dos segmentos que une.

O encadeamento argumentativo assumido no discurso traz conceitos, que na relação sintagmática, possibilitam a construção de uma unidade de sentido no bloco semântico. A preocupação com o trabalho escravo, de acordo com o discurso produzido pelo locutor, é tão elevado, que ele diz ser *desconcertante*, termo que apresente polifonia e pode ser explicado, de acordo com o contexto, por Enunciador 1.

interior do Estado	DC	neg-exploração de trabalhadores
--------------------	----	---------------------------------

que mostra o ponto de vista admitido pelos gaúchos, e daí o fato ser *desconcertante*, e;

Enunciador 2.

interior do Estado	PT	exploração de trabalhadores
--------------------	----	-----------------------------

que mostra o ponto de vista apresentado na notícia. A argumentação interna do termo justifica o quão *desconcertante* é a descoberta de um esquema de exploração de trabalho escravo para os gaúchos: é *desconcertante* porque é no *interior do Estado*.

A construção do encadeamento revela o valor argumentativo que os termos *exploração* e *desconcertante* adquirem no referido enunciado. Um constituinte determina o sentido do outro, uma vez que ambos fazem parte de segmentos de um mesmo encadeamento. Não se trata de qualquer exploração, mas é a *exploração de trabalho escravo no interior do Rio Grande do Sul*, e por isso é tão *desconcertante para os gaúchos*. Conforme Ducrot (2005), o sentido é produzido pela interdependência entre os segmentos que formam o encadeamento. Para ele, a argumentação não se sustenta sobre nenhuma descrição preliminar dos signos que compõem o encadeamento, o sentido não preexiste à produção do enunciado.

Segundo Enunciado: “Trabalho escravo sempre nos pareceu coisa do Brasil profundo, de recantos abandonados da selva amazônica ou de esquecidos lugarejos das regiões Norte e Nordeste”

O encadeamento do segundo enunciado também mostra uma posição do locutor em relação ao tema proposto:

trabalho escravo	DC	coisa de um Brasil abandonado
------------------	----	-------------------------------

A lexicalização de todo o segmento S2 (*coisa do Brasil profundo, de recantos abandonados da selva amazônica ou de esquecidos lugarejos das regiões Norte e Nordeste*) pode ser *coisa de um Brasil abandonado*. Ela evidencia conceitos que estão presentes na relação entre os segmentos desse encadeamento, que podem ser percebidos nessa construção lingüística da seguinte maneira:

Trabalho escravo sempre nos pareceu coisa de um Brasil abandonado.

Nesse enunciado, há o advérbio *sempre*, que atua sobre a expressão *nos pareceu* com o uso desse advérbio, o locutor faz relação polifônica com o enunciado anterior, de onde podemos compor os encadeamentos

1.

trabalho escravo no interior do Estado	DC	desconcertante para os gaúchos
--	----	--------------------------------

2.

trabalho escravo em um Brasil abandonado	DC	neg-desconcertante para os gaúchos
--	----	------------------------------------

que confirmam o ponto de vista do locutor. O mesmo *trabalho escravo*, que no enunciado anterior é considerado *desconcertante para os gaúchos*, nesse segundo enunciado é considerado pertencente à realidade de um *Brasil abandonado*, de *recantos abandonados da selva amazônica* e de *esquecidos lugarejos das regiões Norte e Nordeste*, termos resumidos devido à lexicalização. É essa relação que admite o terceiro enunciado a seguir analisado.

Terceiro Enunciado: “No chamado Sul Maravilha, especialmente num Estado que se orgulha de sua qualidade de vida, isso parecia impossível”

Nesse terceiro enunciado, o encadeamento apresenta-se através dos seguintes segmentos interconectados:

Estado orgulhoso de sua qualidade de vida	DC	<i>isso parecia impossível</i>
---	----	--------------------------------

Esse enunciado condensa um discurso normativo. O conector DC (*donc*) marca a dependência semântica, ligando os segmentos *Estado que se orgulha de sua qualidade de vida* e *isso parecia impossível*.

O *isso*, presente no enunciado, é o termo que faz referência à expressão *trabalho escravo* do enunciado anterior. Assim, a referência passa a ser:

trabalho escravo	DC	existência impossível no Rio Grande do Sul
------------------	----	--

Assim, o encadeamento do enunciado passa a ser

Estado orgulhoso de sua qualidade de vida	DC	trabalho escravo impossível no Rio Grande do Sul
---	----	--

e ratifica o ponto de vista assumido pelo locutor nos enunciados anteriores.

Outro ponto que precisa ser analisado, e esse é o que parece fazer relação com o termo *Estado orgulhoso de sua qualidade de vida*, é o advérbio *especialmente*. A argumentação interna do constituinte *Sul Maravilha* do enunciado ajuda a elucidar o funcionamento desse advérbio através do seguinte encadeamento:

Estado orgulhoso de sua qualidade de vida	DC	esse Estado de maneira especial
---	----	---------------------------------

A argumentação externa do mesmo constituinte (*Sul Maravilha*), proposta pelo locutor, mostra a relação do uso do advérbio *especialmente* com o constituinte em questão:

Sul Maravilha	DC	Estado orgulhoso de sua qualidade de vida
---------------	----	---

O advérbio relaciona S1 (*Sul Maravilha*) com S2 (*Estado orgulhoso de sua qualidade de vida*) por um encadeamento normativo, introduzindo no discurso uma justificativa do termo *Maravilha*, o modo como o locutor vê a região sul do país. Essa afirmação só é possível devido ao encadeamento do enunciado anterior:

trabalho escravo	DC	coisa de um Brasil abandonado
------------------	----	-------------------------------

que relaciona o *trabalho escravo* a outras localidades. Assim, até aqui, temos que o trabalho escravo parece possível nessas localidades, mas impossível na Região Sul, e de maneira especial, em um *Estado orgulhoso de sua qualidade de vida*.

Quarto Enunciado: “Mas não: 32 trabalhadores vinham sendo mantidos em situação degradante havia quase um ano na vizinhança de Cacequi, consumindo água contaminada e alimentando-se mal”

Devido ao uso do articulador *mas* – com o qual o locutor inverte a orientação argumentativa – há a retomada do enunciado anterior. De acordo com Oswald Ducrot, na Segunda Conferência da obra *Polifonía y Argumentación*, na instrução do *mas*, o locutor, a partir do ponto de vista X, recusa o segmento S2, e assume a conclusão a partir do ponto de vista Y. Devido a isso, temos:

1.

Estado orgulhoso de sua qualidade de vida	DC	trabalho escravo impossível
---	----	-----------------------------

mas

2.

32 trabalhadores mantidos em situação degradante na região de Cacequi	DC	trabalho escravo possível
---	----	---------------------------

Assim, o locutor reconhece 1. (*Estado orgulhoso de sua qualidade de vida*), mas assume a conclusão presente em 2. (*trabalho escravo possível*), ratificado pela seqüência do texto.

A presença de negação contida no léxico *impossível* evidencia a polifonia, que coloca os enunciadores da seguinte maneira:

Enunciador 1.

Estado orgulhoso de sua qualidade de vida	DC	trabalho escravo impossível
---	----	-----------------------------

(assumido no enunciado anterior)

Enunciador 2.

Estado orgulhoso de sua qualidade de vida	PT	trabalho escravo possível
---	----	---------------------------

(assumido no presente enunciado devido à presença da negação).

O ponto de vista do locutor, no presente enunciado, é o Enunciador 2, ou seja, o locutor assume a transgressão da norma.

Quinto Enunciado: “Felizmente, os fiscais do Ministério do Trabalho e as autoridades policiais já libertaram os trabalhadores escravizados”

Nesse quinto enunciado, há o advérbio *felizmente* como um dos segmentos do encadeamento que o representa. Para que possamos entendê-lo, é necessário ver que a argumentação interna do advérbio em questão, de acordo com o contexto,

libertação dos trabalhadores escravizados	DC	<i>isso é bom</i>
---	----	-------------------

nos permite lê-lo como *isso é bom*, sendo que *isso* é compreendido como *libertação dos trabalhadores escravizados*, revelando a interdependência entre os termos do próprio enunciado. Dessa maneira, o seguinte encadeamento representa o enunciado em questão:

libertação dos trabalhadores escravizados	DC	bom
---	----	-----

Em uma das obras em que apresenta a Teoria dos Blocos Semânticos (2005), Ducrot mostra que um encadeamento S1 *donc* S2 (S1 portanto S2) é normativo por reportar ao que é mostrado no enunciado: *libertação dos escravos é bom*. Esse ponto de vista não são considerados pelo autor como agregações de conceitos independentes (*libertar* e *ser bom*), não sendo vistos, na Teoria, como uma ligação pronta entre um argumento S1 e uma conclusão S2. Ele os percebe

como representações de um sentido construído pelo locutor nesse enunciado, não sendo válido para outro.

Sexto Enunciado: “Falta, agora, uma responsabilização judicial exemplar para os gananciosos que os exploravam”

O enunciado final do texto claramente introduz polifonia através do termo *falta*. Para conclusão do texto, o encadeamento

exploração dos trabalhadores	PT	neg-responsabilização judicial exemplar para os gananciosos
------------------------------	----	---

é assumido pelo locutor, em detrimento do aspecto converso

exploração dos trabalhadores	DC	responsabilização judicial exemplar para os gananciosos
------------------------------	----	---

previsto devido ao elemento *falta*. É possível afirmar, portanto, que o locutor assume que, devido à *exploração dos trabalhadores* ainda é preciso uma *responsabilização judicial exemplar para os gananciosos*.

Discussão da análise dos advérbios deste discurso

O discurso *Trabalho Escravo* foi escolhido para análise por ter nele a presença de duas ocorrências de advérbios com sufixo –mente. Tanto *especialmente* quanto *felizmente* são considerados, pela Gramática Normativa, como advérbios de modo. São classificados dessa maneira por indicarem o modo, a forma como deve ser entendido o termo que modifica. Ao analisarmos os enunciados, de acordo com a Teoria dos Blocos Semânticos, em que estes mesmos advérbios ocorrem, é possível perceber que estes advérbios com sufixo –mente não se restringem a termos.

Lembrando que os encadeamentos representativos do sentido do enunciado são constituídos por segmentos S1 e S2, e unidos por um conector normativo (DC ou *donc*) ou transgressivo (PT ou *pourtant*), percebemos o encadeamento do terceiro enunciado da seguinte maneira:

Estado orgulhoso de sua qualidade de vida	DC	trabalho escravo impossível no Rio Grande do Sul
---	----	--

No presente encadeamento, devido à interdependência semântica, o segmento S1 só adquire sentido em relação ao segmento S2. Ou seja, devido ao fato de o *trabalho escravo ser impossível no Rio Grande do Sul*, é que o *Estado* pode se considerar *orgulhoso de sua qualidade de vida*. Não qualquer Estado, mas é possível entendê-lo pela relação existente com o termo *Sul Maravilha*, através do advérbio. O texto não trata de qualquer Estado pertencente ao *Sul Maravilha*, mas, através do advérbio *especialmente*, destaca o *Estado orgulhoso de sua qualidade de vida*.

Especialmente, então, é um advérbio que incide sobre o termo *Estado orgulhoso de sua qualidade de vida*, ou seja, é um advérbio que incide sobre todo um constituinte do enunciado. O advérbio dá destaque ao termo *Sul Maravilha*, construindo o sentido de *Estado orgulhoso de sua qualidade de vida*, destacando um Estado em específico dentre os outros estados formadores da Região Sul do país (o chamado *Sul Maravilha*), afirmando ser esse Estado em especial, revelando sua apreciação em relação ao que é dito.

Já o quinto enunciado, que também traz um discurso normativo, revela, pela interdependência dos segmentos S1 e S2, que o sentido só pode ser constituído pela relação dos elementos. O encadeamento

libertação dos trabalhadores escravizados	DC	bom
---	----	-----

só pode ser constituído pelo entendimento do advérbio *felizmente*.

A construção desses encadeamentos revela o valor argumentativo que os segmentos S1 (*libertação dos trabalhadores escravizados*) e S2 (*felizmente*, ou *isso é bom*) adquirem nesse contexto. Um determina o sentido do outro, uma vez que o discurso só pode ser entendido devido à relação semântica dos segmentos S1 e S2. Conforme Ducrot, o encadeamento se revela normativo devido à forma como os segmentos são relacionados pelo locutor. *Felizmente*, no presente caso, é um advérbio que modifica o ponto de vista assumido pelo locutor, ou seja, qualifica a argumentação (*libertação dos trabalhadores escravizados*) expressa no enunciado.

4.3.2 Análise do discurso 2

Esta análise trata do discurso divulgado no jornal Zero Hora, em 24 de outubro de 2007, na seção “Mundo”, em que são colocadas notícias de fatos interessantes ocorridos atualmente no mundo. O tema abordado é uma tragédia entre animais depois de, por acidente tomarem cerveja de arroz, na Índia.

Bêbados, seis elefantes morrem eletrocutados

Imagine uma manada de elefantes asiáticos correndo bêbados e cambaleantes por uma plantação de arroz. Foi o que aconteceu domingo em Chandan Nukat, um povoado da Índia. E, obviamente, não acabou bem.

Pelo menos seis animais, entre eles três filhotes, morreram eletrocutados depois de se embriagarem com cerveja e baterem em cabos de alta-tensão. Uma manada de cerca de 40 elefantes bebeu por engano a cerveja de arroz preparada pelas tribos da região de Meghalaya. Em seguida, eles começaram a correr pelos arrozais.

Várias testemunhas e funcionários disseram que viram um macho adulto retorcendo-se de dor. O som de seus berros atraiu vários outros, que tiveram o mesmo destino.

- Era patético ver um elefante atrás do outro se eletrocutando diante de nossos olhos - contou um morador.

De acordo com o que é apresentado, temos os seguintes enunciados.

Primeiro Enunciado: “Imagine uma manada de elefantes asiáticos correndo bêbados e cambaleantes por uma plantação de arroz. Foi o que aconteceu domingo em Chandan Nukat, um povoado da Índia.”

Dois segmentos interconectados apresentam-se em um encadeamento normativo representado da seguinte maneira:

elefantes bêbados e cambaleantes	PT	fato ocorrido
----------------------------------	----	---------------

A construção desse encadeamento nos mostra o valor argumentativo que os segmentos S1 (*elefantes bêbados e cambaleantes*) e S2 (*fato ocorrido*) adquirem no contexto do enunciado, e devido a isso o fato tornou-se notícia de jornal. No encadeamento apresentado, a expressão lingüística do segmento S2, *fato*

ocorrido, é uma lexicalização do verbo *aconteceu*. Diante da representação, de acordo com a Teoria dos Blocos Semânticos, as duas partes do encadeamento constituem o sentido do enunciado.

Segundo Enunciado: “E, obviamente, não acabou bem.”

A observação desse enunciado leva a entender o termo *obviamente* como pertencente ao plano da enunciação, enquanto que *não acabou bem* retoma elementos do primeiro enunciado e faz parte desse mesmo plano:

Elefantes bêbados correram cambaleantes, portanto, não acabou bem

A negação presente em S2 permite uma interpretação polifônica do enunciado em questão, fazendo surgir outros enunciadores, como

Enunciador 1: *Elefantes bêbados correram cambaleantes, portanto, não acabou bem.*

Enunciador 2: *Elefantes bêbados correram cambaleantes, portanto, poderia ter acabado bem.*

Dessa maneira, é possível afirmar que o locutor assume o ponto de vista expresso pelo Enunciador 1, rechaçando 2. Essa forma de leitura nos auxilia na formação do encadeamento, que, por estar no plano do enunciado, é entendido da seguinte maneira:

elefantes correrem bêbados e cambaleantes	DC	neg – acabar bem
--	----	------------------

Contudo, é necessário tomarmos o advérbio *obviamente* e entendê-lo como um modificador de S1(*elefantes correrem bêbados e cambaleantes*) e de S2 (*neg - acabar bem*). A atuação desse advérbio se estende a todo o plano do enunciado.

O discurso, portanto, apresenta a seguinte estrutura:

S1 DC S2 <i>obviamente</i>
ou
<i>Elefantes bêbados correram cambaleantes, portanto, não acabou bem obviamente</i>

Obviamente deve ser entendido como modificador do enunciado porque não introduz palavras novas nem no segmento S1, nem no S2. Como modificador, introduz um ponto de vista de como o locutor produz sentido entre S1 e S2.

Terceiro Enunciado: “Pelo menos seis animais, entre eles três filhotes, morreram eletrocutados depois de se embriagarem com cerveja e baterem em cabos de alta-tensão. Uma manada de cerca de 40 elefantes bebeu por engano a cerveja de arroz preparada pelas tribos da região de Meghalaya. Em seguida, eles começaram a correr pelos arrozais.”

Do presente enunciado, é possível construirmos o seguinte encadeamento normativo:

elefantes embriagados com cerveja de arroz, correndo pelos arrozais	DC	morreram
--	----	----------

Contudo, através de lexicalização, lemo-lo da seguinte maneira:

elefantes embriagados e correndo	DC	morte
----------------------------------	----	-------

De acordo com a Teoria dos Blocos Semânticos, o conector *donc* serve para constituir discursos doadores de sentido que são os encadeamentos normativos. O encadeamento normativo aqui apresentado tem os segmentos S1 (elefantes embriagados e correndo) e S2 (morte por eletricidade), depois da lexicalização, argumentando e ratificando os segmentos anteriores. Assim, é possível saber como os *elefantes* ficaram *bêbados e cambaleantes* (segmentos S1 dos primeiro, segundo e terceiro enunciados) e justifica o *fato ser surpreendente e, depois, possível*.

Quarto Enunciado: “Várias testemunhas e funcionários disseram que viram um macho adulto retorcendo-se de dor. O som de seus berros atraiu vários outros, que tiveram o mesmo destino”

Do presente enunciado construímos o seguinte encadeamento normativo:

elefante adulto macho retorcendo-se de dor e aos berros	DC	atraiu vários outros que tiveram o mesmo destino
---	----	--

Entretanto, devido à lexicalização, podemos lê-lo da seguinte maneira:

elefante com dor e aos berros	DC	atração de outros elefantes
-------------------------------	----	-----------------------------

Nesse enunciado, verificamos que o segmento S1 (*elefante com dor e aos berros*) tem um sentido argumentativo em relação ao segmento S2 (*atração de outros elefantes*). A relação entre eles parece de fato ser normativa, de acordo com a obra em que Ducrot apresenta a Teoria dos Blocos Semânticos (2005). Nela, o autor mostra que um encadeamento S1 *donc* S2 (S1portanto S2) é argumentativo por reportar ao que é mostrado no enunciado. Temos, então, *elefante com dor e aos berros atrai outros elefantes*. Esse fato, informado durante o todo do discurso, não une segmentos independentes (S1 – *elefante com dor e aos berros*; e S2 – *atração de outros elefantes*), não sendo vistos, na Teoria, como ligação pronta entre um argumento e uma conclusão. Ele os percebe como representações, que constituem o próprio sentido dos encadeamentos argumentativos.

Quinto Enunciado: “- Era patético ver um elefante atrás do outro se electrocutando diante de nossos olhos - contou um morador.”

O sexto enunciado do discurso apresenta, através dos segmentos S1 e S2, o seguinte encadeamento normativo:

elefantes electrocutados em seqüência	DC	patético
---------------------------------------	----	----------

Os mesmos *elefantes* que aparecem no enunciado anterior são retomados em um mesmo segmento S1 do encadeamento: *elefantes electrocutados em seqüência* servem de argumento para a conclusão *patético*. O fato de vários *elefantes* morrerem *electrocutados* só pode ser considerado *patético* nesse

enunciado, nessa realidade, de acordo com o que foi produzido pelo locutor do enunciado. Ducrot, na Teoria dos Blocos Semânticos, mostra que o enunciado, objeto de estudo, só adquire sentido nessa relação.

Discussão da análise dos advérbios deste discurso

O discurso *Bêbados, seis elefantes morrem eletrocutados* foi escolhido pela ocorrência do advérbio *obviamente*. O segundo enunciado, no qual reside o advérbio em questão, é a consequência dos dois premiados que contam o fato ocorrido na Índia.

Enquanto o primeiro enunciado relata o ocorrido e o segundo afirma que o inusitado aconteceu, o terceiro enunciado traz o posicionamento do locutor em relação ao acontecimento em questão. O terceiro enunciado apresentado, *Elefantes bêbados correram cambaleantes, portanto, não acabou bem*, é uma retomada do que já havia sido dito anteriormente a partir do discurso *E, obviamente, não acabou bem*

Para que consigamos entender o advérbio *obviamente*, é preciso encará-lo como não sendo pertencente ao plano deste enunciado, mas da enunciação. *Obviamente*, dessa maneira, deve ser visto como um modificador dos segmentos S1 (*Elefantes correrem bêbados e cambaleantes*) e S2 (*neg – acabar bem*), operando sobre o todo do enunciado, sem se deter em um segmento específico do encadeamento. Na estrutura apresentada,

S1 DC S2 *obviamente*

ou

Elefantes bêbados correram cambaleantes, portanto, não acabou

obviamente

portanto, o advérbio introduz um ponto de vista de como o locutor produz sentido na relação dos segmentos. É devido à relação entre os segmentos propostos que o locutor afirma ser isso *óbvio*, na sua opinião.

O fato de pertencer ao plano da enunciação não permite a nós, pela Teoria dos Blocos Semânticos, colocarmos o advérbio como um dos elementos formadores do encadeamento argumentativo. Como o encadeamento só é formado pelos elementos que compõem o enunciado, nem no segmento S1, nem no S2, a presença do termo *obviamente* é permitida. Ducrot define a enunciação como o aparecimento do enunciado, limitando seu estudo ao enunciado. Como a argumentação só vai existir a partir da identificação do locutor com um enunciador, conforme afirmou Ducrot (1988), está-se inserido na enunciação, pois locutor e enunciador são figuras enunciativas que conduzem ao sentido argumentativo.

4.3.3 Análise do discurso 3

O presente texto tomado para análise foi publicado na revista “180º” dos meses de novembro e dezembro de 2007 e veiculado na seção “Cinema”, na qual há notícias sobre as novidades do cinema. Nela são colocadas as últimas notícias de lançamentos cinematográficos. O tema abordado é o lançamento do novo filme *À Prova de Morte*, do diretor Tarantino⁸.

Outra Irreverência de Tarantino

Recém eleito um dos cem gênios vivos, Tarantino está com a bola toda. É cheio de moral que apresenta seu mais novo filme, *À Prova de Morte*, com previsão de estréia no Brasil em março de 2008. Originalmente o filme fazia parte de uma produção com Robert Rodriguez, Grindhouse, mas por causa da baixa aceitação nos EUA foi dividido em dois: este, produzido por Tarantino, e *Planeta Terror*, de Rodriguez.

À Prova de Morte conta com todos os elementos que fazem de Tarantino o diretor mais imitado do mundo: cenas de ação exageradas, exploração do erotismo feminino com personagens marcantes e diálogos ácidos, tudo isso embalado por uma excelente trilha sonora pontuando os momentos cruciais. Neste thriller, jovens e sexys garotas que adoram se divertir na noite são espionadas por um ser misógino que as persegue num carro envenenado. É Tarantino flertando descaradamente com o cinema dos anos 70, porém sem perder a originalidade, sua marca registrada.

De acordo com o que é apresentado, temos os seguintes enunciados.

Primeiro Enunciado: “Recém eleito um dos cem gênios vivos, Tarantino está com a bola toda.”

Esse primeiro enunciado do discurso apresenta, através dos segmentos S1(*recém eleito um dos cem gênios vivos*) e S2 (*Tarantino está com a bola toda*), o seguinte encadeamento normativo:

recém eleito um dos cem gênios vivos	DC	Tarantino está com a bola toda
---	----	-----------------------------------

O encadeamento, contudo, pode ser reformulado, pois, devido à lexicalização dos segmentos, é possível entendermos o S1 (*recém eleito um dos cem gênios vivos*)

⁸ Quando é citado o nome de *Tarantino*, é necessário informar de que se trata do diretor de filmes de Hollywood Quentin Tarantino.

como *eleito gênio*. Já a expressão S2 (*Tarantino está com a bola toda*) apresenta uma argumentação interna

tem feito um bom trabalho	DC	adquiriu créditos
---------------------------	----	-------------------

que auxilia na construção do seguinte encadeamento:

eleito gênio	DC	com créditos
--------------	----	--------------

Só é possível entendermos esse encadeamento como normativo (*donc*) devido à construção de sentido por parte do locutor do discurso. O sentido só se constrói pela relação entre o segmento S2 (*com créditos*) em relação ao segmento apresentado em S1 (*eleito gênio*). Assim, os conceitos apresentam-se como interdependentes na construção de um sentido para o enunciado em questão.

Segundo Enunciado: “É cheio de moral que apresenta seu mais novo filme, *À Prova de Morte*, com previsão de estréia no Brasil em março de 2008.”

O segundo enunciado é formado pela expressão *cheio de moral apresenta seu mais novo filme* e pela expressão retomada do enunciado anterior *eleito um dos cem gênios vivos, Tarantino está com a bola toda*. Devido a isso, o enunciado parece apresentar a seguinte configuração:

Eleito um dos cem gênios vivos, Tarantino está com a bola toda, portanto, apresenta seu mais novo filme cheio de moral.

Sabendo do encadeamento do enunciado anterior, e da lexicalização dos termos presentes na expressão *cheio de moral apresenta seu mais novo filme (apresentação de seu filme com moral)*, o encadeamento proposto para o presente enunciado é o seguinte:

eleito gênio com créditos	DC	apresentação de seu filme com moral
---------------------------	----	-------------------------------------

O encadeamento revela que a *apresentação do filme* só foi possível ser feita *com moral*, porque o diretor havia sido *eleito gênio*. Devido à interdependência

semântica, o segmento S1(*eleito gênio com créditos*) e o segmento S2 (*apresentação de seu filme com moral*) do encadeamento só constituem sentido se tomados de maneira conjunta.

Terceiro Enunciado: “Originalmente o filme fazia parte de uma produção com Robert Rodriguez⁹, Grindhouse,”

O enunciado se compõe de dois segmentos distintos: S1 (*o filme fazia parte de uma produção com Robert Rodriguez*) e S2 (*Originalmente*). O advérbio *originalmente*, devendo ser compreendido como *idéia inicial*, atua sobre a expressão *filme fazia parte de uma produção com Robert Rodriguez*, formado com este um encadeamento normativo, como pode ser observado a seguir:

filme fazia parte de produção de Robert Rodriguez	DC	era a idéia inicial
--	----	---------------------

Quarto Enunciado: “mas por causa da baixa aceitação nos EUA foi dividido em dois: este, produzido por Tarantino, e Planeta Terror, de Rodriguez.”

O *mas* evidencia a articulação entre o presente enunciado e o enunciado anterior, invertendo, aqui, a orientação argumentativa do enunciado anterior. Assim, o enunciado

“Originalmente o filme fazia parte de uma produção com Robert Rodriguez, Grindhouse, mas por causa da baixa aceitação nos EUA foi dividido em dois: este, produzido por Tarantino, e Planeta Terror, de Rodriguez.”

mostra os encadeamentos abaixo:

1.

filme fazia parte de produção de Robert Rodriguez	DC	era a idéia inicial
--	----	---------------------

mas

2.

baixa aceitação nos EUA	DC	mudança de idéia
-------------------------	----	------------------

⁹ Cineasta de Hollywood

É possível afirmar que o locutor, produtor do discurso, aceita o que é mostrado no encadeamento 1. A inversão argumentativa é feita no momento em que, através do *mas*, o locutor assume o encadeamento 2.

Quinto Enunciado: “À Prova de Morte conta com todos os elementos que fazem de Tarantino o diretor mais imitado do mundo: cenas de ação exageradas, exploração do erotismo feminino com personagens marcantes e diálogos ácidos, tudo isso embalado por uma excelente trilha sonora pontuando os momentos cruciais.”

Nesse quinto enunciado, o locutor apresenta justificativas (*cenas de ação exageradas, exploração do erotismo feminino com personagens marcantes e diálogos ácidos, tudo isso embalado por uma excelente trilha sonora pontuando os momentos cruciais*) para explicar a argumentação inicial (*À Prova de Morte conta com todos os elementos que fazem de Tarantino o diretor mais imitado do mundo*), construindo o encadeamento da seguinte maneira:

cenas de ação exageradas, exploração do erotismo feminino com personagens marcantes e diálogos ácidos, tudo isso embalado por uma excelente trilha sonora pontuando os momentos cruciais	DC	À Prova de Morte conta com todos os elementos que fazem de Tarantino o diretor mais imitado do mundo
--	----	--

Entretanto, são vários os elementos que constroem o encadeamento. O primeiro é que nos filmes de Quentin Tarantino há muitas *cenas de ação exageradas*, resultando no encadeamento

cenas de ação exageradas	DC	imitação por parte de Tarantino
--------------------------	----	---------------------------------

A segunda argumentação decorre da *exploração do erotismo feminino com personagens marcantes*. Esse sentido pode ser mostrado por

personagens femininas eróticas e marcantes	DC	imitação de Tarantino
--	----	-----------------------

Há uma terceira argumentação que provém da expressão *diálogos ácidos*, construindo o seguinte encadeamento:

diálogos ácidos	DC	imitação de Tarantino
-----------------	----	-----------------------

Já a expressão *uma excelente trilha sonora pontuando momentos cruciais* gera uma quarta argumentação para o encadeamento

trilha sonora excelente	DC	imitação de Tarantino
-------------------------	----	-----------------------

O sentido produzido pelo locutor, nesse enunciado, constrói a idéia de que a imitação do estilo do cineasta Quentin Tarantino se deve a características específicas (*cenar, personagens, diálogos, trilha*). Ou seja, entendemos o sentido do segmento S2 somente em relação ao que é apresentado em S1.

Sexto Enunciado: “Neste thriller, jovens e sexys garotas que adoram se divertir na noite são espionadas por um ser misógino que as persegue num carro envenenado. É Tarantino flertando descaradamente com o cinema dos anos 70,”

O trecho inicial do enunciado se compõe de dois segmentos distintos: S1 (*jovens e sexys garotas que adoram se divertir na noite são espionadas por um ser misógino que as persegue num carro envenenado*) e S2 (*É Tarantino flertando descaradamente com o cinema dos anos 70*). É preciso notar que as expressões *que adoram se divertir na noite* e *que as persegue num carro envenenado* constroem os sentidos, respectivamente, de *garotas* e de *ser misógino*, dando-lhes qualificação. Assim, o encadeamento apresenta-se construído da seguinte maneira:

garotas espionadas por um ser misógino	DC	inspiração no cinema dos anos 70
---	----	-------------------------------------

Um termo que precisa ser também observado, e esse parece estar relacionado ao segmento S2 (*flerte com cinema dos anos 70*), é o advérbio *descaradamente*. Entendendo o advérbio como *isso é explícito* (sabendo que *isso* faz referência a *flerte com cinema dos anos 70*), ele auxilia na compreensão do segmento através da seguinte argumentação interna:

garotas espionadas por um ser misógino	DC	referência explícita
---	----	----------------------

A argumentação externa do mesmo termo, proposta pelo locutor, confirma a relação feita entre o advérbio *descaradamente* (*isso é explícito*) com o constituinte em questão:

flerte com cinema dos anos 70	DC	inspiração explícita
-------------------------------	----	----------------------

O advérbio, no presente enunciado, relaciona S1 (*garotas espionadas por ser misógino*) com S2 (*flerte com cinema dos anos 70*) por um encadeamento normativo, pondo no discurso uma comprovação do termo *flerte*, a maneira como o locutor vê a inspiração cinematográfica presente em S1. *Descaradamente*, portanto, é um advérbio que atua sobre o segmento *flerte com o cinema dos anos 70*, isto é, é um advérbio que atinge todo um constituinte do presente enunciado. Desse modo, o advérbio caracteriza como *explícita*, como *descarada*, a inspiração do diretor Quentin Tarantino.

Sétimo Enunciado: “porém sem perder a originalidade, sua marca registrada.”

O *porém* mostra a articulação entre os sexto e sétimo enunciados, invertendo aqui a orientação argumentativa do antecedente. Através do *porém*, o locutor refuta o sentido estabelecido no sexto enunciado e admite o sentido estabelecido pelo segmento S2 do sétimo enunciado:

1.

garotas espionadas por um ser misógino	DC	perda de originalidade
---	----	------------------------

porém

2.

garotas espionadas por um ser misógino	PT	neg-perda da originalidade
---	----	----------------------------

O ponto de vista de 1., nesse momento, é recusado, e, em lugar dele, é assumido o ponto de vista transgressivo de 2., ou seja, o locutor assume a transgressão da norma. Aqui ficam evidentes as argumentações do locutor, que afirma que apesar de o enredo do filme, *garotas espionadas por ser misógino* (S1),

ser um *flerte*, uma *inspiração no cinema dos anos 70* (S2 de 1.), não é uma *perda da originalidade* (S2 de 2.) do diretor Quentin Tarantino

Discussão da análise dos advérbios deste discurso

O discurso “Outra Irreverência de Tarantino” apresenta duas ocorrências de advérbios com sufixo –mente. *Originalmente* e *demasiadamente* ocorrem em enunciados distintos dentro do discurso, e são usados de modo distinto.

A primeira ocorrência, o advérbio *originalmente*, presente no terceiro enunciado, incide, de acordo com o encadeamento

filme fazia parte de produção de Robert Rodriguez	DC	era a idéia inicial
--	----	---------------------

sobre todo o segmento S1 (*filme fazia parte de produção de Robert Rodriguez*), compondo o encadeamento argumentativo. Fazendo parte do encadeamento, através do segmento S2 (*era a idéia original*), *originalmente* interfere no sentido do segmento S1, reforçando sua orientação argumentativa.

Originalmente, portanto, é um advérbio que modifica o enunciado como um todo, fazendo parte fundamental dele e da constituição de seu encadeamento. A constituição desse encadeamento nos mostra o valor argumentativo adquirido de S1 (*filme parte de produção de Robert Rodriguez*) em relação ao que S2 (*original*) propõe. Nesse contexto, o filme foi pensado *originalmente* para fazer parte de uma produção conjunta com outro diretor. Assim, o segmento S2 relaciona-se com o sentido de S1 no contexto presente no enunciado.

A segunda ocorrência, o advérbio *descaradamente*, presente no sexto enunciado, funciona de maneira diferente. O advérbio em questão atua sobre o segmento S2 (*inspiração no cinema dos anos 70*), constituinte do encadeamento

garotas espionadas por um ser misógino	DC	inspiração no cinema dos anos 70
---	----	-------------------------------------

Entende-se, portanto, que a *inspiração no cinema dos anos 70* foi feita de modo explícito, de maneira descarada.

O advérbio, no presente enunciado, relaciona S1 (*garotas espionadas por um ser misógino*) com S2 (*inspiração no cinema dos anos 70*) por um encadeamento normativo, pondo no discurso uma comprovação do termo *flerte*, a maneira como o locutor vê a inspiração cinematográfica presente em S1. *Descaradamente*, portanto, é um advérbio que atua sobre o segmento *flerte com o cinema dos anos 70*, isto é, é um advérbio que atinge todo um constituinte do presente enunciado. Desse modo, o advérbio caracteriza como *explícita*, como *descarada*, a inspiração do diretor Quentin Tarantino.

4.3.4 Análise do discurso 4

O presente texto tomado para análise foi publicado no dia 14 de novembro de 2007 e veiculado na seção “Informe Especial: Opinião ZH” do jornal Zero Hora, em que é colocada a opinião do veículo de mídia sobre algum assunto da atualidade. O tema abordado, neste discurso, é a medida do da prefeitura carioca de proibir material publicitário nos semáforos, visando à integridade da população.

Opinião ZH: Panfletagem no Trânsito

A prefeitura do Rio proibiu por decreto esta semana a distribuição de qualquer tipo de material publicitário nos sinais de trânsito da capital fluminense. A medida, destinada a proporcionar segurança aos motoristas, inclui a fiscalização rigorosa nos pontos de maior movimento, estendendo-se aos vendedores de balas e lavadores de pára-brisas. A abordagem de veículos nos semáforos deixou de ser uma estratégia de marketing e panfletagem para se transformar numa situação de risco tanto para os condutores de veículos quanto para as pessoas que distribuem os folhetos e transitam entre os carros. Os administradores públicos com coragem para enfrentar tais incômodos vêm recebendo, merecidamente, o reconhecimento dos cidadãos.

De acordo com o que está escrito no discurso, é possível apresentarmos os seguintes enunciados.

Primeiro Enunciado: “A prefeitura do Rio proibiu por decreto esta semana a distribuição de qualquer tipo de material publicitário nos sinais de trânsito da capital fluminense. A medida, destinada a proporcionar segurança aos motoristas, inclui a fiscalização rigorosa nos pontos de maior movimento, estendendo-se aos vendedores de balas e lavadores de pára-brisas”

Nesse enunciado, a argumentação pode ser representada pelo seguinte encadeamento que encerra todo o sentido argumentativo do enunciado em questão.

distribuição material publicitário, venda de balas, lavadores de carros nos sinais de transito	DC	proibição com fiscalização rigorosa
--	----	-------------------------------------

O presente enunciado destaca uma medida tomada pela prefeitura do Rio de Janeiro. A construção desse encadeamento nos mostra o valor argumentativo que os segmentos S1 (*distribuição material publicitário, venda de balas, lavadores de carros nos sinais de transito*) e S2 (*proibição com fiscalização rigorosa*) adquirem no contexto do enunciado. A *proibição com fiscalização rigorosa* só ocorre porque havia *distribuição material publicitário, venda de balas, lavadores de carros nos sinais de transito*, o que foi considerado ruim para a segurança dos motoristas.

Segundo Enunciado: “A abordagem de veículos nos semáforos deixou de ser uma estratégia de marketing e panfletagem”

O enunciado revela que a *abordagem de veículos* como propaganda não é mais visto como *estratégia de marketing e panfletagem*, mas era. Devido a essa construção de sentido, temos a evidencia de polifonia, permitindo o surgimento dos enunciadores abaixo:

Enunciador 1.

abordagem de veículos	DC	estratégia de marketing e panfletagem
-----------------------	----	---------------------------------------

e Enunciador 2.

abordagem de veículos	PT	neg - estratégia de marketing e panfletagem
-----------------------	----	---

Através desses encadeamento, é possível afirmar que o locutor admite o ponto de vista expresso pelo Enunciador 1, como sendo algo que era realidade, e o ponto de vista expresso pelo Enunciador 2, como algo que é realidade atualmente.

É a partir destes encadeamentos que o locutor defende o encadeamento apresentado a partir do primeiro enunciado, que afirma que

distribuição material publicitário, venda de balas, lavadores de carros nos sinais de transito	DC	proibição com fiscalização rigorosa
--	----	-------------------------------------

O encadeamento representativo do terceiro enunciado é transgressivo porque, de fato, o que se vê é a transgressão de uma norma, apresentada no enunciado seguinte.

Terceiro Enunciado: “para se transformar numa situação de risco tanto para os condutores de veículos quanto para as pessoas que distribuem os folhetos e transitam entre os carros.”

Retomando o ponto de vista assumido no enunciado anterior, através de um articulador *mas* implícito, de que *abordagem de veículos* não é mais *estratégia de marketing e panfletagem*, no presente enunciado, o locutor apresenta o ponto de vista relativo a norma anterior:

1.

abordagem de veículos	DC	neg - risco para condutores e trabalhadores
-----------------------	----	---

mas

2.

abordagem de veículos	PT	risco para condutores e trabalhadores
-----------------------	----	---------------------------------------

De acordo com o presente enunciado, os segmentos estão ligados pelo conector *pourtant*, revelando o locutor admite o aspecto transgressivo, em detrimento da norma aceita anteriormente, ou seja, tomando-se as expressões lingüísticas que compõem os segmentos S1 e S2 do encadeamento argumentativo, é possível percebermos a sua dependência mútua: a *abordagem de veículos* só deixou de ser *estratégia de marketing e panfletos* (logo, não é um risco para condutores e trabalhadores) porque passou a ser visto como um *risco para condutores e trabalhores*. O encadeamento transgressivo aqui apresentado tem os segmentos S1 (*abordagem de veículos*) e S2 (*risco para condutores e trabalhores*), depois da lexicalização dos termos, argumentando e expondo a norma vista no encadeamento transgressivo referente ao enunciado anterior.

Quarto Enunciado: “Os administradores públicos com coragem para enfrentar tais incômodos vêm recebendo, merecidamente, o reconhecimento dos cidadãos”

O quarto e último enunciado, que apresenta

administradores públicos corajosos são reconhecidos	DC	<i>isso é justo</i>
--	----	---------------------

como seu encadeamento argumentativo, tem em si a retomada de um ponto presente ao longo de todo o texto. A expressão lingüística *incômodo*, se vista pela argumentação interna, de acordo com a Teoria dos Blocos Semânticos, apresenta o seguinte encadeamento:

abordagem de veículos com distribuição material publicitário, venda de balas, lavadores de carros nos sinais de trânsito	DC	risco para condutores e trabalhadores
---	----	--

O advérbio *merecidamente*, presente no encadeamento representativo do sentido do enunciado, também precisa de atenção. Através do uso da expressão lingüística *merecidamente*, o locutor coloca o que Ducrot já havia chamado de advérbio que modifica o enunciado¹⁰. O advérbio em questão não atua sobre qualquer constituinte presente no nível do enunciado, mas demonstra uma atitude proposicional do locutor sobre o conteúdo do que foi relatado.

Para que possamos entendê-lo, é necessário ver que a argumentação interna do advérbio *merecidamente*, de acordo com o contexto,

reconhecimento por enfrentar incômodos	DC	justo
---	----	-------

nos permite lê-lo como *justo*, sendo que o pronome gramatical *isso* é entendido como *reconhecimento por enfrentar incômodos*, mostrando a relação entre os elementos presentes no próprio enunciado.

¹⁰ O Dizer e o Dito, cap 4

Discussão da análise dos advérbios deste discurso

O discurso *Panfletagem no Trânsito* foi selecionado por apresentar uma ocorrência adverbial interessante. O advérbio *mercidamente*, presente no último enunciado do discurso, parece fazer parte de um segmento do encadeamento.

Conforme a Teoria dos Blocos Semânticos, o conector *donc* serve para constituir discursos doadores de sentido que são os encadeamentos normativos enquanto o conector *pourtant* cumpre um papel oposto, doando um sentido transgressivo à norma esperada. O encadeamento normativo, representativo do quinto enunciado, tem os segmentos S1 (*reconhecimento por enfrentar incômodos*) e S2 (*justo*), depois da lexicalização dos termos.

O encadeamento representativo do enunciado

reconhecimento por enfrentar incômodos	DC	justo
---	----	-------

nos mostra o valor argumentativo do segmento S2 (*mercidamente*, ou *justo*) contrai em relação à argumentação presente no segmento S1 (*administradores públicos corajosos reconhecidos*). A produção de sentido por parte do locutor determina o sentido atribuído a *administradores públicos corajosos reconhecidos* ligado à conclusão de *justo*, e a nenhum outro posicionamento. *Mercedamente*, na presente situação, portanto, é um advérbio modificador que qualifica o ponto de vista assumido pelo locutor, ou seja, qualifica a argumentação (*administradores públicos corajosos reconhecidos*) presente no enunciado.

4.3.5 Análise do discurso 5

O presente texto tomado para análise foi publicado no dia 13 de novembro de 2008 e veiculado no site Omelete.com.br, no qual são divulgadas notícias referentes às novidades cinematográficas. O tema abordado, neste discurso, é o artifício usado pelo ator Mickey Rourke para tornar a cena de um filme mais realista e chocante.

Mickey Rourke mutilou-se de propósito nas filmagens de *The Wrestler*

Ator queria aumentar o impacto das cenas de luta

13/10/2008 Érico Borgo

Durante uma entrevista de divulgação de *The Wrestler*, novo filme de Darren Aronofsky (*Pi*, *Requiém Para um Sonho*, *Fonte da Vida*), foi revelado um momento um tanto chocante das filmagens envolvendo Mickey Rourke.

O ator, cuja interpretação no drama foi elogiadíssima, cortou o próprio rosto com uma lâmina que tinha escondida na roupa durante uma das cenas de luta. Seu objetivo era aumentar o impacto da cena. A idéia, segundo Wass Stevens, que contracenou com ele, veio quando Rourke pesquisava sobre luta-livre e descobriu que alguns lutadores fazem isso para aumentar a carga dramática do confronto. Não ficou claro se Aronofsky sabia disso.

Infelizmente, ainda não há qualquer previsão de estréia do filme por aqui.

O filme se baseia no livro que Robert Siegel escreveu sobre Randy "The Ram" Robinson, astro da luta-livre nos anos 80. Depois de ter um infarto em uma luta, Robinson (interpretação elogiadíssima de Mickey Rourke) fica sabendo que pode morrer se lutar novamente. A partir daí, ele tenta arrumar um emprego em uma loja e se enturmar com o filho da stripper (Marisa Tomei) com quem está morando. Mas surge, então, a proposta para uma luta com o seu maior rival, o Aiatolá, e fica difícil para The Ram resistir...

De acordo com o que é apresentado, temos os seguintes enunciados.

Primeiro Enunciado: “Durante uma entrevista de divulgação de *The Wrestler*, novo filme de Darren Aronofsky (*Pi*, *Requiém Para um Sonho*, *Fonte da Vida*), foi revelado um momento um tanto chocante das filmagens envolvendo Mickey Rourke.”

Para explicar o sentido desse primeiro enunciado do discurso, cujo encadeamento argumentativo pode ser expresso abaixo

entrevista de divulgação	DC	revelação de momento chocante
--------------------------	----	-------------------------------

é necessário entender que o sentido só se constrói através da dependência mútua entre os segmentos do encadeamento que representam o enunciado.

Observando o sentido atribuído pelo locutor, é possível entender que o segmento S1 (*entrevista de divulgação*) se relaciona com o segmento S2 (*revelação de momento chocante*). Esse fato, a *entrevista de divulgação*, não possui qualquer ligação direta com a *revelação de momento chocante* em um outro discurso qualquer. Essa ligação só se dá no plano do enunciado devido à construção feita pelo locutor.

Segundo Enunciado: “O ator, cuja interpretação no drama foi elogiadíssima, cortou o próprio rosto com uma lâmina que tinha escondida na roupa durante uma das cenas de luta.”

A partir desse enunciado, temos a ligação com o enunciado anterior. O encadeamento argumentativo do presente enunciado, que tem referência em *momento chocante* presente no enunciado anterior, pode ser representado da seguinte maneira:

cenas de luta	DC	próprio rosto cortado por lâmina escondida
---------------	----	--

Nesse segundo enunciado, é possível compreender que o locutor do discurso justifica a expressão lingüística *momento chocante*, presente no enunciado anterior. O locutor aborda os seguintes segmentos: haver *cenas de luta* e o ator ter uma *lâmina escondida* na roupa para *cortar o próprio rosto*. Ambos os segmentos justificam a argumentação do enunciado anterior. O locutor avalia o fato de ter uma *lâmina escondida*, portanto ter o *próprio rosto cortado* como sendo um *momento chocante* das cenas do filme a que se refere o discurso, pois é dessa maneira que o locutor vincula sua argumentação ao seu modo de ver o mundo.

Terceiro Enunciado: “Seu objetivo era aumentar o impacto da cena.”

Ainda com referência no elemento *momento chocante* presente no primeiro enunciado, o locutor apresenta um outro encadeamento.

próprio rosto cortado por lâmina	DC	aumento do impacto da cena
-------------------------------------	----	-------------------------------

Aqui, o *aumento do impacto da cena* torna-se o segmento S2 para o fato de o ator ter o *próprio rosto cortado* em cena. Esse sentido é compreendido porque o encadeamento relaciona de maneira normativa os segmentos S1 e S2. É dentro do encadeamento que o locutor relaciona os segmentos e os organiza como segmentos S1 (*próprio rosto cortado por lâmina*) e S2 (*aumento do impacto da cena*).

Quarto Enunciado: “A idéia, segundo Wass Stevens, que contracenou com ele, veio quando Rourke pesquisava sobre luta-livre e descobriu que alguns lutadores fazem isso para aumentar a carga dramática do confronto. Não ficou claro se Aronofsky sabia disso”

No presente enunciado do discurso, o locutor informa em que momento surgiu a *idéia* para as filmagens. Sabendo que a expressão lingüística *idéia* também faz referência à expressão lingüística *momento chocante*, presente no primeiro enunciado, é possível entendê-lo através da seguinte argumentação interna, dentro do contexto,

cenar de luta	DC	próprio rosto cortado por lâmina escondida
---------------	----	---

A *idéia* surgiu de uma pesquisa feita pelo ator e a sua posterior aplicação. Contudo, o enunciado evidencia polifonia, devido a presença da negação, permitindo o surgimento dos seguintes encadeamentos:

Enunciador 1.

próprio rosto cortado por lâmina	DC	diretor ciente de artifício
-------------------------------------	----	-----------------------------

e Enunciador 2.

próprio rosto cortado por lâmina	PT	neg - diretor ciente de artifício
-------------------------------------	----	-----------------------------------

O encadeamento representativo desse enunciado decorre do fato de haver expressões lingüísticas importantes para o entendimento do sentido. O verbo *descobrir* e a expressão *idéia* se relacionam de tal maneira no enunciado que a *idéia* ou, no caso, o segmento *S2 próprio rosto cortado com lâmina* passa a ser entendido como conclusão de *descoberta de artifício*.

Quinto Enunciado: “Infelizmente, ainda não há qualquer previsão de estréia do filme por aqui.”

O sexto enunciado evidencia dois grupos importantes para a construção de seu sentido. Um dos segmentos evidencia que *não há previsão para a estréia do filme*; o outro segmento destaca o advérbio *infelizmente* como um posicionamento do locutor acerca do que argumenta.

Entendendo o advérbio *infelizmente* através de sua argumentação interna, de acordo com o contexto, temos que

neg-previsão de estréia	DC	<i>isso é ruim</i>
-------------------------	----	--------------------

é possível entender o advérbio como *isso é ruim* (tendo a clareza de que *isso* retoma a expressão lingüística *não há previsão de estréia*).

Assim, é possível entender o encadeamento representativo do enunciado da seguinte maneira:

neg-previsão de estréia	DC	ruim
-------------------------	----	------

O encadeamento relaciona o segmento *S2 (infelizmente, ou ruim)* com o que é posto no segmento *S1(neg-previsão de estréia)*. O locutor só se mostra *infeliz* porque *não há previsão de estréia* para o filme, o que evidencia polifonia no trecho: o locutor assume o ponto de vista apresentado no encadeamento e não com

previsão de estréia	DC	ruim
---------------------	----	------

De acordo com a Teoria dos Blocos Semânticos, a construção do encadeamento que representa o enunciado em questão é classificado como normativo. Os segmentos que constituem o presente encadeamento relacionam-se de modo normativo e, da forma como o locutor se expressa no discurso, é possível

entender que ele lamenta o fato de o filme não ter data de estréia, presente no segmento S1, depois da lexicalização.

Sexto Enunciado: “O filme se baseia no livro que Robert Siegel escreveu sobre Randy "The Ram" Robinson, astro da luta-livre nos anos 80.”

O sétimo enunciado introduz uma sinopse referente ao filme referido ao longo do texto. Desse enunciado, é possível entender que o encadeamento se constrói a partir de dois segmentos: *livro escrito sobre astro da luta-livre Randy "The Ram" Robinson* e *base para filme*. Depois de um processo de lexicalização, temos o seguinte encadeamento:

livro sobre astro de luta-livre	DC	produção de filme
---------------------------------	----	-------------------

O encadeamento representa a relação de sentido feita pelo locutor. O segmento S1 (*livro sobre astro da luta-livre*) evidencia um encadeamento normativo, devido à interdependência com o segmento S2 (*produção de filme*). O encadeamento apresenta-se como normativo porque o locutor afirma, no contexto do enunciado, que o fato de haver um livro sobre um astro, abre a possibilidade de haver, portanto, um filme baseado nesse livro.

Sétimo Enunciado: “Depois de ter um infarto em uma luta, Robinson (interpretação elogiadíssima de Mickey Rourke) fica sabendo que pode morrer se lutar novamente.”

Nesse oitavo enunciado, o encadeamento apresenta-se normativo através dos seguintes segmentos interconectados retirados do trecho do discurso:

nova luta	DC	morte
-----------	----	-------

O encadeamento apresenta o enredo do filme em questão. O encadeamento é formado pela argumentação presente no segmento S1 (*luta*) e pela conclusão no segmento S2 (*morte*). O locutor afirma que a personagem pode morrer em uma próxima luta.

O advérbio *novamente* chama a atenção no presente enunciado, por estabelecer relação no segmento S1 (*luta*) com o termo nele presente. A argumentação interna da expressão *lutar novamente* do enunciado auxilia no entendimento do funcionamento desse advérbio através do seguinte encadeamento:

embate	DC	esse embate é novo
--------	----	--------------------

A argumentação externa da mesma expressão *lutar novamente*, de acordo com o que o locutor produziu, apresenta a relação do uso do advérbio *novamente* com a *possibilidade de morrer*.

lutar novamente	DC	possibilidade de morrer
-----------------	----	-------------------------

O advérbio *novamente*, ao relacionar a expressão lingüística *lutar* com a *possibilidade de morrer*, por um encadeamento normativo, insere uma explicação para a expressão lingüística presente no enunciado e referido pelo advérbio: a possibilidade de morte não ocorrerá em qualquer luta, mas só em uma nova, só se ele *lutar novamente*.

Oitavo Enunciado: “A partir daí, ele tenta arrumar um emprego em uma loja e se enturmar com o filho da stripper (Marisa Tomei) com quem está morando.”

O encadeamento do nono enunciado mostra uma posição do locutor em relação ao tema proposto, retomando elementos presentes no enunciado anterior. A expressão lingüística *A partir daí*, que retoma o encadeamento representativo do enunciado precedente, vista através de sua argumentação interna

nova luta	DC	morte
-----------	----	-------

evidencia a retomada no presente enunciado.

possibilidade de morte	DC	tentativa de arrumar emprego e de se enturmar
------------------------	----	---

A construção do encadeamento revela o valor argumentativo que as expressões *infarto com possibilidade de morte* e *tentativa de arrumar emprego e de se enturmar com o filho da stripper*. Verifica-se, portanto, uma interdependência entre os segmentos S1 e S2, em que este é articulado pela conjunção aditiva e. As

expressões lingüísticas *tenta arrumar um emprego em uma loja* e *tenta se enturmar com o filho da stripper* podem ser entendidas por argumentação externa da seguinte maneira:

tentativa de arrumar emprego e de se enturmar	DC	mudança
--	----	---------

Devido ao processo de lexicalização, o encadeamento pode ser visto da seguinte maneira:

possibilidade de morte	DC	tentativa de mudança
---------------------------	----	----------------------

Nono Enunciado: “Mas surge, então, a proposta para uma luta com o seu maior rival, o Aiatolá, e fica difícil para The Ram resistir...”

Com o uso do conector *mas* – em que o locutor inverte a orientação argumentativa – há a retomada do enunciado anterior. De acordo com Oswald Ducrot, na instrução do *mas*, o locutor, a partir do ponto de vista X, recusa esta conclusão, e assume a conclusão a partir do ponto de vista Y. Devido a isso, temos:

1.

possibilidade de morte	DC	tentativa de mudança
------------------------	----	----------------------

mas

2.

possibilidade de morte	PT	neg - tentativa de mudança
------------------------	----	----------------------------

Assim, o locutor reconhece 1. (*possibilidade de morte*), mas assume a conclusão presente em 2. (*neg - tentativa de mudança*), que denota uma possível luta com maior rival.

Discussão da análise dos advérbios deste discurso

O discurso *Mickey Rourke mutilou-se de propósito nas filmagens de The Wrestler* foi escolhido para análise por ter nele a presença de dois advérbios com sufixo –mente. *Infelizmente* e *novamente* são classificados, pela Gramática Normativa, como advérbios de modo por indicarem o modo, a forma como o termo que modifica deve ser compreendido. Ao analisarmos os enunciados, de acordo com

a Teoria dos Blocos Semânticos, notamos que os advérbios não se restringem somente aos termos referentes.

Os encadeamentos argumentativos são seqüências de duas proposições ligadas por um conector normativo (*donc*) ou transgressivo (*pourtant*), cuja função, na Teoria dos Blocos Semânticos, é constituir os encadeamentos. Os encadeamentos não exprimem atos argumentativos, mas é a interdependência entre os encadeamentos do discurso que constitui a argumentação. O sexto enunciado, que traz um discurso normativo, mostra através dessa interdependência dos segmentos, que o sentido só pode ser constituído pela relação dos elementos da seguinte maneira

neg-previsão de estréia	DC	ruim
-------------------------	----	------

A construção do encadeamento mostra que o valor argumentativo que o segmento S1 (*neg-previsão de estréia*) adquire no enunciado, só o é devido à relação feita pelo locutor com o segmento S2 (*infelizmente*, ou *ruim*). *Infelizmente*, por ser parte do encadeamento argumentativo, deve ser encarado como um advérbio modificador que qualifica o ponto de vista assumido pelo locutor, ou seja, um advérbio de enunciado, pois qualifica a argumentação (*neg-previsão de estréia*) expressa.

Já o advérbio *novamente*, presente no oitavo enunciado não faz parte do encadeamento

nova luta	DC	morte
-----------	----	-------

que mostra o enredo do filme *The Wrestler*. O advérbio modifica um dos elementos do encadeamento. No caso, se a personagem *lutar novamente* ela poderá *morrer*.

O advérbio *novamente*, ao apenas relacionar o segmento S1 (*luta*) com o segmento S2 (*morte*), e não evidenciar qualquer tipo de posicionamento do locutor com relação ao que é dito, auxilia no entendimento do sentido proposto desse advérbio através do encadeamento proposto. Somente uma nova luta poderá causar a morte do lutador, e isso pode ser mostrado pelo encadeamento abaixo

embate	DC	esse embate é novo
--------	----	--------------------

pois entendemos que não é qualquer *luta*, mas é *lutar novamente*. Portanto, *novamente* é um advérbio que atua sobre a expressão *lutar*, ou seja, é um advérbio de constituinte. O advérbio, ao caracterizar o constituinte *lutar*, constrói o sentido do enunciado juntamente com o segmento S2 (*morte*), e não com outro, qualificando a luta como um novo embate que lhe pode subtrair a vida.

4.3.6 Análise do discurso 6

O presente texto tomado para análise foi publicado no dia 06 de outubro de 2008 e veiculado na coluna escrita por Paulo Sant'Ana do jornal Zero Hora, em que é colocada a opinião do autor sobre algum fato atual e que lhe tenha chamado a atenção. O tema abordado, neste discurso, é a forma como um jogador (Morales) entrou em campo e a opinião de outros torcedores sobre como o time do Grêmio Football Porto-Alegrense vem jogando.

Deu a tendência

Paulo Sant'ana

Mudando um pouquinho para o futebol. Só cego não viu que Morales matou a bola no peito e passou para o menino Douglas Costa marcar o primeiro gol do Grêmio sábado. E só um mesmo cego não viu que Morales arrastou quase toda a defesa do Botafogo para a marcação, deixando Réver sozinho para o gol da vitória.

Ou seja, Celso Roth viu isso tudo. E foi a mudança substancial que Celso Roth fez no time que levou o Grêmio à vitória.

Mas, incrivelmente, sábado e domingo um isento pregou com insistência que Morales foi igual a Marcel. Ou seja, o isento quer que continue Marcel de titular. Não vai levar, não é Roth?

De acordo com o que é apresentado neste discurso, temos os seguintes enunciados.

Primeiro Enunciado: “Mudando um pouquinho para o futebol.”

Nesse primeiro enunciado, fica claro que há um discurso anterior que será deixado de lado em prol de um novo. No encadeamento abaixo, o conector PT (*pourtant*) marca a dependência semântica dos segmentos que une, sendo apresentado como representativo através dos seguintes segmentos interconectados, em que podemos ver estabelecido o sentido do enunciado.

assunto anterior	PT	mudança para futebol
------------------	----	----------------------

Segundo Enunciado: “Só cego não viu que Morales matou a bola no peito e passou para o menino Douglas Costa marcar o primeiro gol do Grêmio sábado”

No presente enunciado, o locutor conta o que todos viram (só um cego que não viu) durante a partida, permitindo surgir o presente encadeamento normativo:

Morales matar a bola no peito e passar para o menino Douglas Costa	DC	Douglas fazer gol
--	----	-------------------

As expressões lingüísticas que formam a argumentação presente no primeiro segmento podem ser lexicadas devido à explicação presente em suas argumentações externas. Enquanto *Morales matou a bola no peito* pode ser entendido como

Morales matar a bola no peito	DC	jogar bem
-------------------------------	----	-----------

a expressão lingüística *[Morales] passou [a bola] para o menino Douglas Costa* pode ser entendida como

Morales passar a bola para o menino Douglas Costa	DC	jogar bem
---	----	-----------

Assim, devido ao processo de lexicalização, temos o seguinte encadeamento normativo:

jogada boa de Morales	DC	gol de Douglas
-----------------------	----	----------------

Terceiro Enunciado: “E só um mesmo cego não viu que Morales arrastou quase toda a defesa do Botafogo para a marcação, deixando Réver sozinho para o gol da vitória.”

No terceiro enunciado, o locutor continua contando o que todos viram (menos um mesmo possível cego presente no enunciado anterior) durante a partida, permitindo surgir o encadeamento abaixo:

Morales arrastar quase toda a defesa do Botafogo para a marcação	DC	Réver fazer gol
--	----	-----------------

A expressão lingüística que forma a argumentação presente no primeiro segmento pode ser lexicalizada devido a argumentação externa a seguir:

Morales arrastar quase toda a defesa do Botafogo para a marcação	DC	jogar bem
--	----	-----------

Assim, devido ao processo de lexicalização, temos o seguinte encadeamento normativo:

jogada boa de Morales	DC	gol de Réver
-----------------------	----	--------------

Quarto Enunciado: “Ou seja, Celso Roth viu isso tudo.”

O presente enunciado faz referência, através do pronome *isso* a elementos dos enunciados anteriores. Entende-se que Celso Roth viu as *jogadas boas de Morales*. O *isso* retoma as expressões *Morales matou a bola no peito*, *[Morales] passou [a bola] para o menino Douglas* e *Morales arrastou quase toda a defesa do Botafogo para a marcação*, presentes nos Segundo e Terceiro enunciados. O enunciado, portanto, só pode ser entendido dessa maneira devido ao seguinte encadeamento:

boas jogadas de Morales	DC	visão de Celso Roth
-------------------------	----	---------------------

Conforme Ducrot, como o sentido é produzido pela interdependência entre os termos que formam o encadeamento representativo do enunciado, é possível perceber que os segmentos S1(*boas jogadas de Morales*) e S2 (*visão de Celso Roth*) só constroem sentido nesse enunciado, e não em outro qualquer.

Quinto Enunciado: “E foi a mudança substancial que Celso Roth fez no time que levou o Grêmio à vitória.”

O quinto enunciado trata da confirmação da vitória do time do Grêmio. Do presente trecho, é possível destacar os seguintes segmentos S1 *mudança no time* e S2 *vitória do Grêmio*, fazendo surgir o seguinte encadeamento normativo:

mudança no time	DC	vitória do Grêmio
-----------------	----	-------------------

O sentido construído confirma os enunciados anteriores, resumindo um discurso normativo.

Sexto Enunciado: “Mas, incrivelmente, sábado e domingo um isento pregou com insistência que Morales foi igual a Marcel.”

O *mas* confirma a articulação entre os Quinto e Sexto enunciados, invertendo nesse Sexto enunciado a orientação argumentativa presente no Quinto.

1.

mudança no time	DC	neg - pregação insistente
-----------------	----	---------------------------

mas

2.

Morales igual a Marcel	DC	pregação insistente
------------------------	----	---------------------

Enquanto o locutor identifica-se com o encadeamento 1., um *isento* identifica-se com 2.

É também preciso observar o advérbio *incrivelmente* e entendê-lo como um modificador dos segmentos S1 (*Morales igual a Marcel*) e S2 (*pregação insistente*). O presente advérbio opera sobre o todo do enunciado, sem se deter em um segmento específico do encadeamento. O discurso, portanto, apresenta a seguinte estrutura.

<p>S1 DC S2 <i>incrivelmente</i></p> <p>ou</p> <p><i>Morales é igual a Marcel, portanto, a pregação é insistente</i></p> <p><i>incrivelmente</i></p>
--

Incrivelmente necessita ser compreendido como modificador do enunciado porque não introduz palavras novas nem na argumentação presente no segmento S1, nem na conclusão no segmento S2. Como modificador do enunciado, introduz o ponto de vista de como o locutor produz sentido na relação dos segmentos.

Sétimo Enunciado: “Ou seja, o isento quer que continue Marcel de titular. Não vai levar, não é Roth?”

O sétimo enunciado trata de uma avaliação do locutor com relação ao que o *isento* deseja para o time do Grêmio. A presença da negativa no enunciado,

presente no trecho *não vai levar*, permite uma interpretação polifônica, permitindo o surgimento dos seguintes enunciadores:

Enunciador 1.

titularidade de Marcel	PT	neg-possível
------------------------	----	--------------

e Enunciador 2.

titularidade de Marcel	PT	possível
------------------------	----	----------

Através desses encadeamentos, é possível afirmar que o locutor admite o ponto de vista expresso pelo Enunciador 1, repelindo o Enunciador 2.

Discussão da análise dos advérbios deste discurso

O discusso *Deu a tendência* foi selecionado porque há nele a presença do advérbio *incrivelmente*, que serve para esta análise por ser um advérbio com sufixo –mente. *Incrivelmente*, de acordo com a Teoria dos Blocos Semânticos, constrói sentido no enunciado em que está presente, mas é necessário perceber qual.

O advérbio *incrivelmente* é um modificador de dos segmentos S1(*Morales igual a Marcel*) e S2 (*pregação insistente*). O advérbio atua sobre todo o plano do enunciado *incrivelmente, sábado e domingo um isento pregou com insistência que Morales foi igual a Marcel*.

O advérbio, portanto, ao apresenta a seguinte estrutura

<p>S1 DC S2 <i>incrivelmente</i></p> <p>ou</p> <p><i>Morales é igual a Marcel, portanto, a pregação é insistente</i></p> <p><i>incrivelmente</i></p>
--

deve ser entendido como modificador do enunciado por não introduzir quaisquer palavras novas em nenhum dos segmentos, nem no segmento S1, nem no S2. Como modificador, introduz o ponto de vista de como o locutor produz sentido entre S1 e S2. Logo, nível da enunciação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação de mestrado foi encontrar uma possível instrução para o uso dos advérbios com sufixo –mente, utilizando, para tanto os saberes relacionados à Teoria da Argumentação na Língua, especialmente à Teoria dos Blocos Semânticos, como teoria que considera a construção do sentido a partir do discurso, do uso da língua. A motivação para tal trabalho está na constatação de que os diversos advérbios não são estudados pelo seu uso, mas devido a uma classificação gramatical que passa longe de um *locutor*.

Conforme foi defendido na introdução, e constatado ao longo do presente trabalho, todas as palavras da língua, de acordo com Oswald Ducrot, autor da teoria, têm uma instrução própria. Os advérbios, como elementos constituintes da língua, não fogem à regra. No entanto, esse saber precisa ser organizado e, de certa forma, valorizado, pois não pode se restringir à simples classificação de termos da língua, desconsiderando seu uso, metodologia empregada pela Gramática Tradicional. A teoria, desde seu início, mostra uma maneira inovadora de perceber o uso da língua, contribuindo, com certeza, para o entendimento de como usamos nosso idioma.

Por meio de um estudo semântico-argumentativo, propus-me estabelecer a instrução de um constituinte da língua, assim como Ducrot propõe ser feito, como seu estabelecimento da instrução do “mas”, visando aplicar conceitos da Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot e Marion Carel. O trabalho pautou-se na caracterização das origens da Teoria dos Blocos Semânticos, forma atual da Teoria da Argumentação na Língua, buscando as raízes estruturalistas de Ferdinando de Saussure e como Ducrot faz a leitura desta corrente lingüística.

A Teoria da Argumentação na Língua é uma teoria que entende a língua como essencialmente argumentativa, pois tanto a língua como o léxico do sistema lingüístico são tidos como argumentativos em si. As palavras, de acordo com essa forma de estudar a língua, não são encaradas como representativas do mundo, da realidade. O discurso é a forma como o locutor interage com seu interlocutor.

A Teoria dos Blocos Semânticos, desenvolvida, principalmente, por Marion Carel, constitui o que se chama a terceira fase ou momento atual da Teoria da Argumentação na Língua. A TBS mostra que os encadeamentos argumentativos não exprimem fatos, o que em uma abordagem retórica se consideraria argumentação. Os fatos não justificam determinadas conclusões. Carel justifica esse posicionamento afirmando que o fato traz a idéia de demonstração. Esta, por sua vez, considera que seqüências de enunciados podem ser interpretadas isoladamente umas das outras. A teoria privilegia, em suas formas de análise, os aspectos lingüísticos, demonstrando que o sentido no discurso é produzido pela argumentação, e que esta argumentação está na língua e não na sua exterioridade, desenvolvendo, para isso, uma metodologia de análise específica, alicerçada no material lingüístico. Essa perspectiva sustentou o estudo dos advérbios com sufixo – mente nas análises apresentadas.

Com essa visão sobre a língua, ele se opõe às concepções tradicionais da argumentação. De acordo com Ducrot, e devido à sua leitura do estruturalismo, ele afirma que o sentido dos enunciados é decorrente da significação das frases, instruções abertas e de carácter abstrato que indicam a forma como o interlocutor precisa resgatar o sentido. Esse não vem pronto do sistema lingüístico, posto que está vinculado ao uso da linguagem. Dessa maneira, não há separação entre língua e fala saussureanas para fins de estudos semânticos. O sistema e a sua realização constroem o sentido. É devido ao carácter instrucional da frase que uma expressão lingüística pode ter mais de um sentido, mas não qualquer um.

Em relação ao nosso objetivo, podemos afirmar, com base nas análises, que qualquer texto é passível de análise e que a construção do sentido desses discursos ocorre de acordo com princípios argumentativos propostos por Ducrot e Carel, ou seja, de acordo com a relação entre discursos por meio de conectores, articuladores, marcas polifônicas, os quais admitem uma melhor análise dos usos feitos dos advérbios em questão. Somente os conectores *donc*, de acordo com Ducrot no segundo momento da Teoria da Argumentação na Língua, são argumentativos. Carel, ao inaugurar o terceiro momento da teoria (2002) institui que

o conector PT também é argumentativo, sendo DC o aspecto normativo e PT o aspecto transgressivo. Os conectores DC e PT auxiliaram em todas as nossas análises, e, em concordância com Carel, acreditamos que ambos foram de grande importância para a construção argumentativa dos enunciados.

A fim de se chegar à definição de uma instrução para os advérbios em estudo pela concepção proposta por Oswald Ducrot, procurou-se, então, buscar nos fundamentos da TAL/TBS os conceitos que possibilitariam o trabalho. Feito isso, os conceitos teóricos foram aplicados em seis discursos. Os advérbios que neles apareciam, foram analisados individualmente, em relação ao uso feito por parte do locutor.

Neste trabalho, mostramos, com a análise dos textos *Trabalho Escravo*, *Bêbados*, *seis elefantes morrem eletrocutados*, *Outra Irreverência de Tarantino*, *Panfletagem no Trânsito*, *Mickey Rourke mutilou-se de propósito nas filmagens de The Wrestler* e *Deu a Tendência* que os advérbios em questão se comportam da mesma maneira nos diferentes enunciados em que aparecem quanto ao uso que o locutor faz deles. Com as seis análises de discursos com enunciados em que há os advérbios com sufixo –mente, minha tarefa consistia em encontrar uma instrução para a presença desses advérbios nos encadeamentos que construía o sentido dos enunciados. Em um primeiro momento, foi necessário tomarmos o enunciado e montarmos seus encadeamentos argumentativos. O advérbio de uma maneira ou de outra ocupava algum espaço nessa representação, dependendo da forma como o locutor o colocava em uso.

De acordo com o próprio Ducrot (1984), os advérbios poderiam ser entendidos como de constituinte (quando atua somente sobre um elemento do enunciado), de enunciado (quando modifica um enunciado como um todo e traz o posicionamento sobre o que foi dito pelo locutor) e de enunciação (quando o advérbio evidencia o posicionamento do locutor quanto ao dizer). Essa descrição norteou as análises rumo a uma instrução única para o uso desses advérbios nos enunciados. Ao que parece, a estrutura seguida é

S1 con S2(advérbio -mente)

em que o advérbio parece estar presente no segmento S2 do encadeamento, seja ele normativo ou transgressivo.

Os advérbios de constituinte que aparecem nos discursos *Trabalho Escravo* (especialmente), *Outra Irreverência de Tarantino* (descaradamente) e *Mickey Rourke mutilou-se de propósito nas filmagens de The Wrestler* (novamente) podem comprovar a instrução, pois estão presentes nas argumentações internas e/ou externas dos termos que modificam. Tanto o *especialmente* modifica *Estado orgulhoso de sua qualidade de vida*, explicando o termo *Sul Maravilha*

Estado orgulhoso de sua qualidade de vida	DC	esse Estado de maneira especial
--	----	------------------------------------

no discurso *Trabalho Escravo*, como o advérbio *descaradamente* atua sobre um dos segmentos do enunciado, *garotas espionadas por ser misógino*, no discurso *Outra irreverência de Tarantino*,

garotas espionadas por ser misógino	DC	isso é explícita
--	----	------------------

bem como também ocorre com o advérbio *novamente*, na explicação do termo *lutar*, por argumentação interna, no discurso *Mickey Rourke mutilou-se de propósito nas filmagens de The Wrestler*,

embate	DC	esse é novo
--------	----	-------------

Os advérbios que atuam em relação aos enunciados também seguem essa mesma instrução de estar presente no segmento S2. Por mostrar um posicionamento do locutor, estão presentes no encadeamento constitutivo do sentido do enunciado. O advérbio *felizmente*, de *Trabalho Escravo*, em

libertação dos trabalhadores escravizados	DC	bom
--	----	-----

mostra que o locutor considera *bom* o fato de haver *libertação dos trabalhadores escravos*. *Originalmente*, de *Outra irreverência de Tarantino*, em

filme fazia parte de produção de Robert Rodriguez	DC	era a idéia inicial
--	----	---------------------

nos mostra que o *original* era o *filme ser parte de produção de Robert Rodrigues*. E *merecidamente*, de *Panfletagem no Trânsito*, em

reconhecimento por enfrentar incômodos	DC	justo
--	----	-------

apresenta o posicionamento do locutor ao considerar *justo* o *reconhecimento por políticos enfrentarem incômodos*. Também ocorre com o advérbio *infelizmente*, de *Mickey Rourke mutilou-se de propósito nas filmagens de The Wrestler*, em

neg-previsão de estréia	DC	ruim
-------------------------	----	------

pois expõe o descontentamento do locutor ao considerar *ruim* o fato de *não* haver *previsão de estréia* para o filme.

Por último, os advérbios que atuam sobre o dizer, sobre o ato enunciativo, apesar de não estarem presentes diretamente no encadeamento, podem ser também entendidos como tal. O advérbio *obviamente*, de *Bêbados, seis elefantes morrem eletrocutados*, em

*Elefantes bêbados correram cambaleantes, portanto, não acabou bem **obviamente***

nos mostra que é *óbvio* que uma situação daquelas não acabaria bem. Logo,

Elefantes bêbados correram cambaleantes	DC	é óbvio que não ia acabar bem
---	----	-------------------------------

Da mesma maneira ocorre com *incrivelmente*, de *Deu a Tendência*, em

*Morales é igual a Marcel, portanto, a pregação é insistente **incrivelmente***

pois nos mostra que é *incrível* uma situação daquelas ser insistentemente pregada.

Logo,

Morales é igual a Marcel	DC	a pregação é insistente é incrível
--------------------------	----	---------------------------------------

Sob o enfoque da Teoria da Argumentação na Língua, pudemos analisar e descrever o uso de um determinado constituinte da língua. Para isso, baseou-se em um estudo estrutural da língua, sem ter que reduzi-la a efeitos exclusivamente contextuais ou extralingüísticos. Acreditamos que a teoria auxilia no processo de estudo e compreensão da língua, seja ela usada como um todo, seja em algum constituinte dela formador, deixando sempre clara a base em seu material lingüístico.

Sabemos que a proposta de análise, de acordo com a Teoria da Argumentação na Língua, aqui realizada representa apenas uma possibilidade do potencial da teoria para um olhar crítico sobre a linguagem. Com essas reflexões, pretendemos contribuir para os estudos que se ocupam da argumentação da língua, apesar de saber que não se esgota na presente dissertação. Uma das possibilidades de trabalhos próximos é entender se se confirma a natureza argumentativa dos advérbios devido ao sufixo de modo –mente, ou se é devido à natureza adjetiva dos advérbios estudados. Acreditamos que dessa maneira é possível perceber as formas variadas que os falantes de uma língua usam para argumentar, e, assim, é possível contribuir para o entendimento da língua que usamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAULD, Antoine & LANCELOT, Claude. **A Gramática de Port-Royal**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBISAN, Leci Borges. O funcionamento de mecanismos coesivos na argumentação. **Letras de Hoje**. n.126, 2001. Porto Alegre. p. 127-145

BARBISAN, Leci Borges. A construção da argumentação no texto. **Letras de Hoje** (Porto alegre), n.129, 2002. Porto Alegre. p. 135-147

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade da linguagem. In: **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

CAREL, Marion. O que é argumentar? In: **Revista y Teoria de la Comunicacion**. Ano 1, n.1, janeiro de 2001, p. 75-80

CAREL, Marion. Argumentação interna aos enunciados. **Letras de Hoje** (Porto Alegre), n.129, 2002. Porto Alegre. p. 27-43

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La Semántica Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUCROT, Oswald. Analyse de textes et linguistique de l'enonciation. In : DUCROT, Oswald. **Les mots du discours**. Paris : Minuit, 1980.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987

DUCROT, Oswald. **Polifonia y argumentación — conferencias del seminario Teoría de la argumentación y Análisis del discurso**. Cali: Universidad del Valle, 1988.

DUCROT, Oswald. Os internalizadores. **Letras de Hoje**. n.129, 2002. Porto Alegre

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo "gramática"?**. São Paulo: Parábola, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix

ANEXO A — Trabalho Escravo

Opinião ZH

Trabalho escravo

É desconcertante para os gaúchos a descoberta de um esquema de exploração de trabalhadores no interior do Estado. Trabalho escravo sempre nos pareceu coisa do Brasil profundo, de recantos abandonados da selva amazônica ou de esquecidos lugarejos das regiões Norte e Nordeste. No chamado Sul Maravilha, especialmente num Estado que se orgulha de sua qualidade de vida, isso parecia impossível. Mas não: 32 trabalhadores vinham sendo mantidos em situação degradante havia quase um ano na vizinhança de Cacequi, consumindo água contaminada e alimentando-se mal. Felizmente, os fiscais do Ministério do Trabalho e as autoridades policiais já libertaram os trabalhadores escravizados. Falta, agora, uma responsabilização judicial exemplar para os gananciosos que os exploravam.

ANEXO B — Bêbados, seis elefantes morrem eletrocutados

Índia

Bêbados, seis elefantes morrem eletrocutados

Chandan Nukat

Imagine uma manada de elefantes asiáticos correndo bêbados e cambaleantes por uma



tados depois de se embriagarem com cerveja e baterem em cabos de alta-tensão. Uma manada de cerca de 40 elefantes bebeu por engano a cerveja de arroz preparada pelas tribos da região de Meghalaya. Em seguida, eles começaram a correr pelos arrozais.

Várias testemunhas e funcionários disseram que viram um macho adulto retorcendo-se de dor. O som de seus berros atraíu vários outros, que tiveram o mesmo destino.

— Era patético ver um elefante atrás do outro se eletrocutando diante de nossos olhos — contou um morador.

plantação de arroz. Foi o que aconteceu domingo em Chandan Nukat, um povoado da Índia. E, obviamente, não acabou bem.

Pelo menos seis animais, entre eles três filhotes, morreram eletrocu-

ANEXO C — Outra Irreverência de Tarantino

cinema

Outra irreverência de Tarantino

Recém eleito um dos cem gênios vivos, Tarantino está com a bola toda. É cheio de moral que apresenta seu mais novo filme, **A Prova de Morte**, com previsão de estréia no Brasil em março de 2008. Originalmente o filme fazia parte de uma produção com Robert Rodriguez, Grindhouse, mas por causa da baixa aceitação nos EUA foi dividido em dois: este, produzido por Tarantino, e Planeta Terror, de Rodriguez.

À Prova de Morte conta com todos os elementos que fazem de Tarantino o diretor mais imitado do mundo: cenas de ação exageradas, exploração do erotismo feminino com personagens marcantes e diálogos ácidos, tudo isso embalado por uma excelente trilha sonora pontuando os momentos cruciais. Neste thriller, jovens e sexys garotas que adoram se divertir na noite são espionadas por um ser misógino que as persegue num carro envenenado. É Tarantino flertando descaradamente com o cinema dos anos 70, porém sem perder a originalidade, sua marca registrada.



Super-herói nas telonas

ANEXO D — Panfletagem no Trânsito

Opinião ZH

Panfletagem no trânsito

A prefeitura do Rio proibiu por decreto esta semana a distribuição de qualquer tipo de material publicitário nos sinais de trânsito da capital fluminense. A medida, destinada a proporcionar segurança aos motoristas, inclui a fiscalização rigorosa nos pontos de maior movimento, estendendo-se aos vendedores de balas e lavadores de pára-brisas. A abordagem de veículos nos semáforos deixou de ser uma estratégia de marketing e panfletagem para se transformar numa situação de risco tanto para os condutores de veículos quanto para as pessoas que distribuem os folhetos e transitam entre os carros. Os administradores públicos com coragem para enfrentar tais incômodos vêm recebendo, merecidamente, o reconhecimento dos cidadãos.

> Fotos curiosas ou de flagrantes podem ser enviadas

ANEXO E — Mickey Rourke mutilou-se de propósito nas filmagens de The Wrestler

Omelete - Mickey Rourke mutilou-se de propósito nas filmagens de The Wrestler - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço: http://www.omelete.com.br/cine/1100015717/Mickey_Rourke_mutilou_se_de_proposito_nas_filmagens_de_The_Wrestler.aspx

Google

JA ACENDEU UMA VELA E NAU!

Entretimento levado a sério

TER 26:11:08

CADASTRO | LOGIN | BUSCAR:

Sua conta!

Indique a um amigo

Imprimir

CINEMA

Mickey Rourke mutilou-se de propósito nas filmagens de The Wrestler

Ator queria aumentar o impacto das cenas de luta

Érico Borço 13/10/2008

Durante uma entrevista de divulgação de **The Wrestler**, novo filme de **Darren Aronofsky** (*Pi*, *Requiem Para um Sonho*, *Fonte da Vida*), foi revelado um momento um tanto chocante das filmagens envolvendo **Mickey Rourke**.

O ator, cuja interpretação no drama foi elogiadíssima, cortou o próprio rosto com uma lâmina que tinha escondida na roupa durante uma das cenas de luta. Seu objetivo era aumentar o impacto da cena. A ideia, segundo **Wass Stevens**, que contracenou com ele, veio quando Rourke pesquisava sobre luta-livre e descobriu que alguns lutadores fazem isso para aumentar a carga dramática do confronto. Não ficou claro se Aronofsky sabia disso.

Infelizmente, ainda não há qualquer previsão de estreia do filme por aqui.

O filme se baseia no livro que **Robert Siegel** escreveu sobre **Randy "The Ram" Robinson**, astro da luta-livre nos anos 80. Depois de ter um infarto em uma luta, Robinson (interpretação elogiadíssima de **Mickey Rourke**) fica sabendo que pode morrer se lutar novamente. A partir daí, ele tenta arrumar um emprego em uma loja e se enturmar com o filho da stripper (**Marisa Tomei**) com quem está morando. Mas surge, então, a proposta para uma luta com o seu maior rival, o Alatôá, e fica difícil para The Ram resistir...

Leia mais sobre The Wrestler

PARA COMPRAR LANÇAMENTOS

Batman: o Cavaleiro das Trevas - Duplo

Wall-E

Kung Fu Panda

Os Simpsons - 11ª Temporada - Ed. Colecionador

Star Wars: The Clone Wars

LANÇAMENTOS

House 4ª temporada

The Office 4ª

GALERIA DE IMAGENS

Batman

Comandôes em Ação

Conan

Crônicas de Nárnia

DC Comics

Dragon Ball

Extermin. do Futuro

Harry Potter

Hellboy

Heróis

Central de Soluções HP

3 Adobe Reader 8.1

Internet Explorer

disserta.com/gdta [Mo...]

3

Internet

PT

22:34

INICIAR

ANEXO F — Deu a Tendência

Mudando um pouquinho para o futebol. Só cego não viu que Morales matou a bola no peito e passou para o menino Douglas Costa marcar o primeiro gol do Grêmio sábado. E só um mesmo cego não viu que Morales arrastou quase toda a defesa do Botafogo para a marcação, deixando Réver sozinho para o gol da vitória.

Ou seja, Celso Roth viu isso tudo. E foi a mudança substancial que Celso Roth fez no time que levou o Grêmio à vitória.

Mas, incrivelmente, sábado e domingo um isento pregou com insistência que Morales foi igual a Marcel. Ou seja, o isento quer que continue Marcel de titular. Não vai levar, não é Roth?

Leia o blog do Sant'Ana em www.zerohora.com

CURRICULUM VITAE

Fábio Castilhos Figueredo

Fábio Castilhos Figueredo possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003). Atualmente é professor da Escola Estadual Marechal Floriano Peixoto, do Grupo Universitário, do Colégio Definitivo e do Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS. Tem experiência na área de Letras, Literatura e Produção Textual, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso, ensino e argumentação.

Endereço para acessar este CV:
<http://lattes.cnpq.br/6215168544855639>

Dados Pessoais

Nome Fábio Castilhos Figueredo
Nascimento 19/10/1980 - Porto Alegre/RS - Brasil
Endereço Eletrônico e-mail para contato : fabiocastilhos@yahoo.com.br

Formação Acadêmica/Titulação

- 2007** Mestrado em Lingüística e Letras.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil
 Título: Um Estudo do Sentido de Advérbios sob a Teoria da Argumentação na Língua
 Orientador: Profa. Dr. Leci Borges Barbisan
 Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Áreas do conhecimento : Lingüística, Lingüística Aplicada, Semântica Argumentativa
- 2005 - 2006** Especialização em Programa de Pós-Graduação em Letras.
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
 Título: A presença da Autoria nos Textos Escolares
 Orientador: Profa Dr. Magali Endruweit
- 1998 - 2003** Graduação em Instituto de Letras.
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
 Título: Aprendendo a Ensinar: Reflexões sobre a Produção de Texto em Sala de Aula.
 Orientador: Prof. Dr. Paulo Coimbra Guedes

Atuação Profissional

1. Colégio João Paulo I - JPI

Vínculo institucional

2007 - Atual Vínculo: Professor , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 13, Regime: Parcial

2. Escola Estadual Marechal Floriano Peixoto - EEMFP

Vínculo institucional

2007 - Atual Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 20, Regime: Parcial

3. Colégio Maria Goretti - CMG

Vínculo institucional

2005 - 2006 Vínculo: Professor , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 20, Regime: Parcial

4. Colégio Estadual Cândido José de Godói - CECJG

Vínculo institucional

2000 - 2007 Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 40, Regime: Integral

Curso de Idiomas

1991 – 1995	Curso Completo de Língua Inglesa Série Silver: Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano
1996 – 1998	Curso Completo de Língua Inglesa Série Gold: Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano
2003	NELE — Núcleo de Estudo de Língua Estrangeira Curso de Inglês: Inglês VI e VII

Outras Atividades

2002	II Fórum Social Mundial <i>Tradutor/ Intérprete Voluntário</i>
2003	IX Encontro Estadual de Redação de Vestibular <i>Monitor Organizador</i>
2004 – 2006	Exame Vestibular da UFRGS <i>Supervisor da COPERSE — Comissão Permanente de Seleção</i>
2004 - 2006	Exame Vestibular da UFRGS <i>Membro da Equipe de Correção das Redações</i>

Certificados

- 09/1998 A Questão (Inter)Cultural no Ensino e na Aprendizagem: Desafios(?) para os Professores de Línguas (Materna e Estrangeiras)
Promoção: NAP-RS — Instituto de Letras da UFRGS
- 05/1999 V Semana de Letras e Culturas: Narrativas Diversas
Promoção: Instituto de Letras da UFRGS
Ministrantes: Cínara Ferreira Pavani e
Maria Luiza Bonorino Machado
- 11/2002 IX Semana de Letras e Culturas — Apresentação de Trabalho
Título: *Deus, o Homem e o Diabo nas Novelas de Cavalaria*
Promoção: Instituto de Letras da UFRGS
- 10/2003 IX Encontro Estadual de Redação de Vestibular
Promoção: Comissão Permanente de Seleção — UFRGS
- 07/2005 8º Congresso da Escola Particular Gaúcha
“Novos Tempos, Velhas Práticas. Até Quando?”
Promoção: SINEPE/RS
- 11/2005 XI Encontro Estadual de Redação de Vestibular
Promoção: Comissão Permanente de Seleção — UFRGS
- 10/2007 V SENALE – Seminário Nacional de Lingüística e Ensino
“Teorias Lingüísticas e Ensino: Possibilidades e Limites”
Promoção: Universidade Católica de Pelotas

Trabalhos Publicados

- 2001 *Como se desenvolve a produção de texto dos jovens a partir de outros textos não escritos.*
Relatório de estágio supervisionado na Escola de Ensino Fundamental Padre Balduino Rambo
- 2002 *Deus, o Homem e o Diabo nas Novelas de Cavalaria*
Apresentação e publicação de trabalho realizado na área da Literatura Portuguesa a partir das novelas de cavalaria e sobre as influências da figura de Deus e do Diabo na Literatura

- 2002 *Um Estudo sobre a Produção de um Texto Próprio do Aluno*
Relatório de Estágio de Prática de Ensino II
Relatório de estágio supervisionado no Colégio Estadual de Ensino Médio
Cândido José de Godói.
- 2003 *Aprendendo a Ensinar: Reflexões sobre a Produção de Texto em Sala de Aula.*
Monografia realizada na área da Produção de Textos:
Orientador: Prof. Dr. Paulo Coimbra Guedes
- 2006 *A Presença da Autoria nos Textos Escolares*
Artigo escrito na área da Teoria da Enunciação
Orientadora: Prof^a. Dr. Magali Endruweit
- 2007 *A Produção Textual no Ensino Médio: Uma Análise Argumentativa*
Artigo escrito na área da Teoria da Argumentação na Língua
Orientadora: Prof^a. Dr. Leci Borges Barbisan

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)